

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
EDUCAÇÃO FÍSICA BACHARELADO

**A trajetória esportiva e a visibilidade digital das atletas da
seleção brasileira de Handebol feminino: a relação entre
carreira e a presença nas redes sociais**

Thainá Rodrigues Baia

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: Thainá Rodrigues Baia

Título do trabalho: "A trajetória esportiva e a visibilidade digital das atletas da seleção brasileira de Handebol feminino: a relação entre carreira e a presença nas redes sociais"

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Thainá Rodrigues Baia, Discente**, em 30/06/2025, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tathiane Krahenbühl, Usuário Externo**, em 01/07/2025, às 08:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cardoso Machado, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 02/07/2025, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5471202** e o código CRC **693E6F06**.

Thainá Rodrigues Baia

A trajetória esportiva e a visibilidade digital das atletas da seleção brasileira de Handebol feminino: a relação entre carreira e a presença nas redes sociais

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr. Tathyane Krahenbühl

**Goiânia
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues Baia, Thainá

A trajetória esportiva e a visibilidade digital das atletas da seleção brasileira de Handebol feminino: a relação entre carreira e a presença nas redes sociais [manuscrito] / Thainá Rodrigues Baia. - 2025.
CVI, 106 f.

Orientador: Prof. Tathyane Krahenbühl.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Handebol feminino. 2. Carreira esportiva. 3. Visibilidade. 4. Mídias Sociais. 5. Gênero e Esporte. I. Krahenbühl, Tathyane, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **24/06/2025**, às **14 horas e 30 minutos**, de forma **online** na plataforma **Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“A trajetória esportiva e a visibilidade digital das atletas da seleção brasileira de Handebol feminino: a relação entre carreira e a presença nas redes sociais”**, de autoria de **Thainá Rodrigues Baia**, do curso de **Educação Física - Bacharelado**, da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG). Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Tathiane Krahenbuhl - orientadora - FEFF/UFAM** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Ma. Gabriela Cardoso Machado - FEFD/UFG** e **Prof. Sergio de Almeida Moura - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (Dez)**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sergio De Almeida Moura, Professor do Magistério Superior**, em 30/06/2025, às 20:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tathiane Krahenbühl, Usuário Externo**, em 01/07/2025, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cardoso Machado, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 02/07/2025, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5438401** e o código CRC **5FAD2D41**.

Dedico este trabalho à memória da minha avó, Dona Amélia, a pessoa que mais amo no mundo. Mesmo diante das críticas que eu enfrentava por ser uma menina praticando diversos esporte, ela sempre esteve ao meu lado, me apoiando e acreditando em mim. Seu amor e sua força foram o alicerce que me manteve firme e me ensinaram a nunca desistir. Esta conquista é também dela, meu eterno amor e inspiração.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que tudo isso acontecesse, me dando forças para superar todas as dificuldades encontradas.

A minha esposa, Thifany Baia, por todo amor e carinho, por sempre estar ao meu lado independente da situação, por me dar forças e sempre acreditar na minha capacidade, me fazendo ir além e nunca desistir. Por me mostrar o quanto a minha vida pode se tornar mais encantadora quando se tem amor.

A minha família que me deu suporte para a vida através dos exemplos de responsabilidade, dedicação e amor, me ajudando através dos seus incentivos, que foram de grande valia para o meu caminhar.

A minha amiga Luana Amorim, por essa bela amizade, tão singela e verdadeira, sempre me ouvindo, me aconselhando e me ajudando quando precisei. Sua risada contagiante e seus abraços acolhedores foram fontes de conforto e alegria ao longo de toda essa caminhada.

Aos meus amigos Kaio Matheus, Samara Marques, Valéria Rochael, Amanda Alves e Felipe Gabriel que caminharam comigo ao longo da graduação. Foram anos de aprendizados, desafios, risos, desabafos e conquistas que se tornaram mais leves e significativos com a presença de vocês. Obrigado por cada incentivo, parceria e amizade que tornaram essa jornada inesquecível.

A minha orientadora Tathyane Krahenbühl, pela dedicação, paciência, apoio e por compartilhar seus conhecimentos comigo ao longo de todo este processo. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

As atletas que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa, compartilhando suas histórias, vivências e reflexões com tanta generosidade. Suas trajetórias inspiradoras e suas vozes foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, professora Gabriela Machado e ao Professor Sérgio Moura pela disponibilidade e interesse em avaliar este trabalho. É uma honra poder contar com a atenção e o olhar crítico de vocês.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste trabalho, a todos o meu muito obrigado.

“Nunca desista e seja confiante no que você faz. Pode haver momentos difíceis, mas as dificuldades que você enfrentará irão torná-lo mais determinado a alcançar os seus objetivos e vencer contra todas as probabilidades”.

(Marta, jogadora de futebol brasileira. Olimpíadas do Rio 2016)

Índice de figuras

Figura 1: Fluxo metodológico da pesquisa, da coleta à análise.	34
Figura 2: Nível mundial de interesse do público pela Seleção Brasileira de Handebol Feminino.	36
Figura 3: Nível nacional de interesse do público pela Seleção Brasileira de Handebol Feminino.	36
Figura 4: Picos de interesse identificados no Google Trends para a Seleção Brasileira de Handebol Feminino, tanto no contexto mundial quanto nacional.	39
Figura 5: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino, a nível mundial 1° ao 5° colocado.	40
Figura 6: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino a nível mundial, 6° ao 10° colocado.	40
Figura 7: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino, a nível nacional 1° ao 5° colocado.	42
Figura 8: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino, a nível nacional 6° ao 10° colocado.	42
Figura 9: Perfil no Instagram da atleta Daly.	46
Figura 10: Timeline atleta Daly.	50
Figura 11: Perfil no Instagram da atleta Dara.	51
Figura 12: Timeline atleta Dara.	55
Figura 13: Perfil no Instagram da atleta Kelly Rosa.	56
Figura 14: Timeline atleta Kelly Rosa.	59
Figura 15: Perfil no Instagram da atleta Lucila.	60
Figura 16: Timeline atleta Lucila.	64
Figura 17: Perfil no Instagram da atleta Mayara.	65
Figura 18: Timeline atleta Mayara.	69
Figura 19: Perfil no Instagram da atleta Naira.	70
Figura 20: Timeline atleta Naira.	74
Figura 21: Perfil do Instagram da atleta Zezé Sales.	75
Figura 22: Timeline atleta Zezé.	80

Índice de tabelas

Quadro 1: Atletas contatadas e resultado do contato	44
--	-----------

Lista de Siglas

CBHb – Confederação Brasileira de Handebol

COI – Comitê Olímpico Internacional

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

GE – Globo Esporte (referência ao portal esportivo da Globo)

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1. Mulheres no esporte: conquistas, desafios e a representação midiática do Handebol..	17
2.1.1. Evolução feminina no esporte: Carreira, trajetória e sua visibilidade.	17
2.1.2. Mídia esportiva e a sub-representação do Handebol feminino.	23
3. PROBLEMA DE PESQUISA	27
4. OBJETIVOS	27
4. 1. Geral.....	27
4. 2. Específicos	28
5. JUSTIFICATIVA	28
6. METODOLOGIA	29
6.1. Aprofundando na <i>Timeline</i>	31
6.2. Análise e interpretação de dados.....	32
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
7.1. Panorama Geral: Seleção Brasileira e sua visibilidade.....	34
7. 2. Atletas entrevistadas	44
7. 2. 1. Daly Mesquita	45
7. 2. 2. Dara Diniz	51
7. 2. 3. Kelly Rosa.....	56
7. 2. 4. Lucila Vianna	59
7. 2. 5. May Fier.....	65
7. 2. 6. Naira Almeida	70
7. 2. 7. Zezé Sales.....	74
7. 3. Análise das entrevistas	81
7. 3. 1. Performance Esportiva e Reconhecimento Midiático.....	81
7. 3. 2. Redes sociais e Construção da imagem	82
7. 3. 3. Estratégia de Comunicação digital.....	83
7. 3. 4. Engajamento oportunidades de carreira	86
7. 3. 5. Visibilidade da Mulher no esporte	88
7. 3. 6. Trajetória esportiva.....	89
7. 3. 7. Carreira esportiva	91
7. 3. 8. Questões adicionais.....	92
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	96
ANEXO I – Questionário de Entrevistas – Atletas da Seleção Brasileira de Handebol Feminino	102

RESUMO

A presença feminina no esporte, embora crescente ao longo das últimas décadas, ainda enfrenta obstáculos significativos relacionados à desigualdade de gênero, visibilidade e reconhecimento profissional. Em meio a esse cenário, as redes sociais emergem como espaços potentes de construção de imagem, projeção de carreira e engajamento com o público, sobretudo em modalidades esportivas com baixa cobertura midiática, como o handebol feminino. Neste contexto, compreender como a trajetória esportiva das atletas da seleção brasileira de handebol se relaciona com sua visibilidade digital é essencial para repensar estratégias de valorização do esporte feminino no Brasil. Deste modo, este trabalho teve como objetivo analisar como a carreira e a trajetória esportiva dessas atletas influenciam sua presença nas redes sociais, em especial no Instagram, e de que forma essa visibilidade impacta suas oportunidades profissionais, o reconhecimento do handebol e a promoção da equidade de gênero no esporte. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas apoiadas pelo recurso metodológico da Timeline, além da análise de dados do Google Trends para avaliar o interesse público pela modalidade. Os resultados apontam que, embora as redes sociais permitam às atletas uma maior autonomia na construção de sua imagem, a visibilidade ainda é pontual, instável e dependente de grandes eventos. Além disso, o reconhecimento digital não é distribuído de forma equitativa entre as jogadoras, sendo condicionado por fatores como desempenho esportivo, apoio institucional, carisma e domínio das ferramentas de comunicação. A análise também evidenciou o impacto de variáveis como gênero, maternidade, corpo e liderança, que atravessam a experiência das atletas e influenciam diretamente sua permanência e valorização no cenário esportivo. Este estudo contribui para o debate sobre a desigualdade de gênero no esporte e reforça a importância de políticas públicas e estratégias de comunicação que promovam a equidade, a visibilidade e o protagonismo das mulheres atletas.

Palavras-chaves: Handebol feminino; Carreira esportiva; Visibilidade; Mídias Sociais; Gênero e esporte.

ABSTRACT

The presence of women in sports, although growing over the last few decades, still faces significant obstacles related to gender inequality, visibility, and professional recognition. In this scenario, social networks emerge as powerful spaces for image building, career projection, and engagement with the public, especially in sports with low media coverage, such as women's handball. In this context, understanding how the sports careers of the athletes of the Brazilian handball team relate to their digital visibility is essential to rethink strategies for promoting women's sports in Brazil. Thus, this study aimed to analyze how the careers and sports careers of these athletes influence their presence on social networks, especially on Instagram, and how this visibility impacts their professional opportunities, the recognition of handball, and the promotion of gender equality in sports. The research adopts a qualitative approach, based on semi-structured interviews supported by the Timeline methodological resource, in addition to the analysis of Google Trends data to assess public interest in the sport. The results indicate that, although social media allows athletes greater autonomy in constructing their image, visibility is still occasional, unstable and dependent on major events. Furthermore, digital recognition is not distributed equally among players, being conditioned by factors such as sports performance, institutional support, charisma and mastery of communication tools. The analysis also highlighted the impact of variables such as gender, motherhood, body and leadership, which permeate the athletes' experience and directly influence their permanence and appreciation in the sports scene. This study contributes to the debate on gender inequality in sports and reinforces the importance of public policies and communication strategies that promote equity, visibility and protagonism of female athletes.

Keywords: Women's handball; Sports career; Visibility; Social Media; Gender and sport.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada pela presença constante das plataformas de comunicação online, também conhecidas como redes sociais, que transformaram as maneiras de interagir com a informação, indo além da simples distinção entre criar e consumir (Valerim, 2022). A ampla adoção de tecnologias móveis, como smartphones e tablets, facilita a produção, busca, utilização, adaptação, reutilização e compartilhamento de conteúdo, possibilitando interações rápidas e em rede (Ramos; Silva; Freire, 2023). Tais ferramentas expandem a era da comunicação e transformam as interações sociais.

Van Dijck, (2016) destaca transformações nos padrões de interação social devido ao aumento do uso das redes sociais digitais. Em épocas anteriores, a comunicação ocorria de forma presencial, por cartas ou telefonemas, e o consumo de mídias dava-se por meio de jornais impressos, revistas, televisão e rádio. Com o avanço das tecnologias, plataformas como Facebook, Instagram e X (antigo Twitter) passaram a possibilitar interações sociais instantâneas e em escala global, voltadas a diversos propósitos (Ramos; Silva; Freire, 2023).

Ao trazer essa discussão para a questão de gênero no esporte, percebemos uma contradição: embora o esporte seja promovido como democrático, oferecendo oportunidades iguais para todos, mulheres e homens não recebem o mesmo destaque nas mídias sociais (Helal, 1990). Este autor ainda ressalta que a discrepância entre o discurso igualitário e a realidade de menor participação feminina reforça e justifica as diferenças de gênero, insinuando que, se as mulheres não têm o mesmo espaço, isso se deve a fatores biológicos ou a escolhas pessoais, apesar de o esporte ser, em essência, democrático.

Desse modo, destacamos que a desigualdade de gênero no esporte também se manifesta nas representações midiáticas e, atualmente, se evidencia nas redes sociais. Na era digital, em sua famosa "mídiação", a sub-representação das atletas femininas ainda é prevalente, perpetuando a hegemonia masculina (Metcalf, 2019). Essa sub-representação ocorre de duas formas principais: pela cobertura insuficiente das modalidades femininas ou pelo foco em aspectos não esportivos, como vida pessoal e aparência em vez dos feitos atléticos (Devide, 2005).

As redes sociais são novos ambientes para interações sociais e comunicação, desempenhando um papel crucial na divulgação de informações e na estipulação de visibilidades (Viard; Paixão, 2023). Sendo assim, em 2005, autores já observavam que as notícias sobre o esporte feminino eram raras no Brasil e que ainda não havia reconhecimento do potencial desse mercado, pois não se acreditava que tais notícias atrairiam audiência (Devide, 2005). Este autor ainda destacou que as imagens culturais das mulheres no esporte eram inferiores em quantidade e qualidade, com a cobertura frequentemente desvalorizando a experiência esportiva feminina (Devide, 2005).

Quase 19 anos depois, Maluly; Carvalho, (2024) destacam que, embora avanços importantes tenham sido alcançados, o cenário de desigualdade de gênero na reprodução midiática do esporte feminino permanece evidente. Um exemplo recente que pode ser citado são os Jogos Olímpicos de Paris 2024, os primeiros na história a contar com 50% de mulheres entre os atletas, representando um marco significativo na luta por equidade no ambiente esportivo.

No entanto, essa paridade não se reflete na cobertura jornalística, que, além de atribuir visibilidade desigual às modalidades femininas, apresenta uma abordagem permeada por questões de gênero, reforçando a hierarquia que posiciona o masculino como superior e perpetuando a desigualdade na representação e no valor atribuído às atletas (Maluly; Carvalho, 2024).

Desse modo, embora as redes sociais permitam uma disseminação ampla do conhecimento, seu uso inadequado pode perpetuar informações imprecisas e reforçar conceitos enraizados ao longo de gerações (Marques; Fraguas, 2021). A mídia, conforme observado por Souza; Knijnik, (2007), intensifica a generificação dos corpos através do esporte, fortalecendo o imaginário social coletivo e selecionando os destaques, ao mesmo tempo em que reproduz valores e estereótipos que reafirmam as desigualdades de gênero, mesmo com os avanços das mulheres no esporte. A partir desses fatos, torna-se nítido que as mídias são uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que potencializam a visibilidade, também podem atuar como fator segregador.

Nesse contexto, o handebol feminino no Brasil é um exemplo claro de como a mídia pode influenciar tanto positiva quanto negativamente a trajetória das atletas.

Embora o esporte tenha alcançado importantes conquistas ao longo dos anos, a falta de visibilidade e de cobertura midiática adequada limita as oportunidades de profissionalização e promoção da modalidade (Saint'clair, 2018). Sendo assim, a história do handebol no Brasil é marcada por sua lenta inserção no cenário esportivo, destacando-se os desafios enfrentados pelas mulheres, que lutam por maior reconhecimento e igualdade, tanto no âmbito esportivo quanto midiático (Andres; Goellner, 2018).

Ressaltamos que o handebol, embora presente no Brasil desde a década de 1950, carece de visibilidade quando comparado a outras modalidades, como, por exemplo, o futebol. Isso é ainda mais evidente no contexto do handebol feminino, que enfrenta desafios adicionais relacionados à profissionalização e à permanência das atletas no esporte (Andres; Goellner, 2021).

Um fato corroborante é que a trajetória das mulheres no handebol brasileiro começou a ganhar relevância nas Olimpíadas de 2000, quando a seleção feminina conquistou sua primeira vaga olímpica. Destaca-se que já se passaram 75 anos desde a chegada da modalidade ao Brasil. Assim, a falta de apelo midiático do handebol brasileiro reflete-se nas oportunidades limitadas para clubes e atletas. Comparado ao futebol, o handebol feminino enfrenta barreiras ainda maiores, como baixos salários e menor cobertura da mídia. Essa falta de visibilidade tem impactos diretos na atração de patrocínios, o que prejudica o desenvolvimento e a manutenção das carreiras das atletas (Ribeiro et al., 2023).

Desse modo, acreditamos que a trajetória esportiva das atletas de handebol tem impacto direto na forma como são percebidas e promovidas pela mídia. Conquistas importantes, como a inédita medalha de ouro no Campeonato Mundial de 2013, têm o poder de aumentar temporariamente a visibilidade dessas atletas (Gabriel, 2015). No entanto, esse destaque muitas vezes é limitado pela ausência de uma cobertura contínua e estruturada, que depende não apenas dos resultados esportivos, mas também de fatores externos, como patrocínios e o apelo midiático da modalidade (Fornari et al., 2022).

Além disso, a mídia tende a reforçar estereótipos de gênero, retratando as atletas femininas de maneira superficial, muitas vezes focando na aparência física em vez de suas habilidades e realizações esportivas (Metcalf, 2019). Assim, a trajetória

esportiva das atletas, embora repleta de desafios e vitórias, precisa superar as barreiras da desigualdade de gênero e do desinteresse midiático para garantir uma visibilidade mais justa e consistente.

No entanto, a mídia ainda se apresenta como um agente fundamental na construção e promoção do esporte. Por meio da cobertura midiática, seja em veículos tradicionais ou nas redes sociais, a imagem das atletas pode ser amplificada, promovendo maior engajamento do público e atraindo patrocinadores (Mariano et al., 2017).

Além disso, as redes sociais permitem que as atletas se promovam diretamente, sem a intermediação de jornalistas ou órgãos de mídia, o que pode contribuir para a construção de uma imagem mais autêntica e fortalecer suas conexões com os fãs (Moioli, 2013). Elas também se destacam como uma ferramenta poderosa para desafiar estereótipos e oferecer uma plataforma na qual as atletas possam ser valorizadas por suas habilidades, em vez de sua aparência (Morão, 2021).

A promoção do handebol feminino e a visibilidade das atletas, especialmente na era da informação em que vivemos, dependem fortemente da atuação da mídia. A exposição adequada pode transformar o esporte, proporcionando melhores condições financeiras e estruturais, bem como ampliando a base de fãs e de praticantes (Summers; Morgan, 2008). Para que isso aconteça, faz-se necessário não apenas o sucesso esportivo, mas também o desenvolvimento de estratégias de marketing e mídia que enfatizem a importância da igualdade de gênero e a valorização das atletas pelo que representam no esporte.

Desse modo, diante da grande invisibilidade feminina nas redes sociais esportivas, especialmente em relação ao handebol feminino, este trabalho visa compreender e analisar a carreira e a trajetória esportiva das atletas da seleção brasileira de handebol, e como esses dois parâmetros podem influenciar sua visibilidade nas redes sociais, gerando benefícios ou malefícios tanto para as atletas quanto para a modalidade. Destacamos que o acesso às falas dessas atletas de alto rendimento, considerando suas escolhas, desafios e trajetórias, pode fornecer contribuições valiosas para a compreensão da permanência e visibilidade no ambiente esportivo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Mulheres no esporte: conquistas, desafios e a representação midiática do Handebol.

A participação feminina no esporte constitui um campo de estudo relevante para a compreensão das dinâmicas de gênero, poder e visibilidade social. Apesar dos avanços conquistados ao longo das últimas décadas, as mulheres ainda enfrentam diversos entraves no contexto esportivo, como a desigualdade de oportunidades, a desvalorização de suas carreiras e a limitada representação midiática. Nesse cenário, o handebol feminino configura-se como um exemplo significativo, uma vez que, apesar dos resultados expressivos em competições nacionais e internacionais, a modalidade recebe pouca atenção por parte da mídia.

Diante disso, os próximos tópicos propõem uma análise da trajetória histórica e profissional das mulheres no esporte, com ênfase em suas conquistas e nos desafios enfrentados para alcançar maior reconhecimento e visibilidade (2.1.1), além de discutir a forma como a mídia esportiva contribui para a sub-representação do handebol feminino, evidenciando as lacunas na cobertura e no prestígio concedido à modalidade (2.1.2).

2.1.1. Evolução feminina no esporte: Carreira, trajetória e sua visibilidade.

Ao olharmos para trás, nos deparamos com um percurso histórico no qual as distinções sociais entre os sexos foram frequentemente interpretadas como decorrentes de um determinismo biológico, o que serviu para naturalizar e legitimar relações de dominação e a distribuição desigual de espaços sociais entre homens e mulheres, inclusive no ambiente esportivo (Rubio, 2021). Ao refletirmos sobre os esportes, tais diferenciações foram reforçadas pela valorização de atributos como força, vigor, potência, velocidade, autocontrole e agressividade, tradicionalmente associados ao masculino. Tais características, consideradas essenciais para o bom desempenho atlético, foram historicamente utilizadas como justificativa para a exclusão ou limitação da participação feminina nesse campo, pois acreditava-se que

apenas os homens poderiam ser detentores dessas habilidades e qualidades (Devide, 2005).

Dessa forma, percebe-se que, historicamente, o esporte foi concebido por e para os homens, tornando-se um espaço marcado pela reafirmação da masculinidade por meio de certos valores simbólicos. De acordo com Elias, Dunning (1992), em sua origem, as práticas esportivas eram próximas do confronto físico direto e simbolizavam a estrutura patriarcal dominante, que exaltava o poder masculino. Mesmo com a introdução de regras no século XIX para moderar a violência, os esportes continuaram a refletir ideais androcêntricos (Rubio, 2021).

A consolidação do esporte moderno no século XIX ocorreu paralelamente ao surgimento dos primeiros movimentos feministas, como o das sufragistas. Nesse contexto, o esporte também funcionou como uma reação dos homens às reivindicações femininas, sendo julgado na época como um território essencialmente masculino, onde a virilidade era reforçada (Elias; Dunning, 1985). Para as mulheres, isso significou a necessidade de se adequar a padrões contraditórios: competir sob critérios masculinos e, ao mesmo tempo, manter comportamentos considerados femininos pela sociedade da época (Knijnik; Souza, 2004).

Turini e Dacosta (2002) reafirmam que essa exclusão da mulher no esporte tornou-se ainda mais visível nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, pois Pierre de Coubertin, idealizador do evento, apresentava os Jogos como celebração da masculinidade, da força e da coragem, considerando imprópria a participação feminina nas competições.

Durante sua presidência no Comitê Olímpico Internacional (COI), Coubertin trabalhou sistematicamente para desestimular a presença de mulheres nos esportes, mesmo diante da oposição de outros membros do Comitê que defendiam sua inclusão (Turini; Dacosta, 2002). Segundo Devide (2005), para Coubertin, as práticas atléticas tornavam as mulheres "indecentes e grotescas", restringindo sua atuação ao papel de espectadoras, em consonância com a visão estereotipada de que sua função social deveria se limitar ao cuidado do lar e dos filhos.

Assim, a trajetória feminina no esporte sempre esteve marcada por desvantagens estruturais. Historicamente, a prática esportiva foi compreendida como um campo de construção de masculinidades, e não de feminilidades (Rubio, 2021).

Desse modo, somente no início do século XX as mulheres começaram a ser inseridas em algumas modalidades esportivas, e essa inserção ocorreu sob o crivo do discurso médico-biológico.

As atividades recomendadas a elas eram aquelas consideradas compatíveis com sua “natureza”, como dança, ginástica e natação, modalidades nas quais eram vistas como leves e benéficas à saúde reprodutiva. Em contrapartida, práticas como futebol, lutas, handebol, decatlo, entre outras, continuaram sendo desaconselhadas por, supostamente, comprometerem a feminilidade e a função materna (Goellner, 2004).

A inserção feminina no esporte enfrentou fortes barreiras culturais, científicas e religiosas, que associavam as mulheres à fragilidade e à inadequação para a prática esportiva (Rubio, 2021). O destaque das atletas, muitas vezes, foi estigmatizado, gerando suspeitas sobre sua feminilidade e sexualidade, o que resultou em diferentes formas de violência contra essas mulheres (Goellner, 2004).

Segundo Devide (2005), à medida que se destacavam, muitas foram submetidas a testes de feminilidade e enfrentaram preconceitos da sociedade, da mídia e das instituições. Essa discriminação decorre da visão da mulher como corpo passivo e, portanto, incompatível com o esporte (Rubio, 2021). Um exemplo extremo desse cenário pôde ser observado até o ano de 1968, quando atletas olímpicas eram obrigadas, por determinação da comissão organizadora, a expor seus corpos nus para que se comprovasse sua “feminilidade” (Knijnik, 2010).

Ao focarmos o olhar sobre o Brasil, os ideais de masculinidade também moldaram políticas públicas que restringiram a participação feminina em diversas modalidades esportivas. Até o fim dos anos 1970, leis proibiam as mulheres de praticar esportes considerados “incompatíveis” com sua “natureza” (Devide, 2005). Um exemplo é o parecer da Subdivisão de Medicina Especializada do governo Vargas, que, em 1940, alegava que o futebol era prejudicial ao corpo feminino (Ribeiro, 2023).

Essa visão embasou o artigo 5º do Decreto-Lei nº 3.199/1941, que delegava ao Conselho Nacional de Desportos o poder de vetar práticas esportivas femininas. A Deliberação nº 07, de 1965, reforçou essa proibição, vetando oficialmente modalidades como lutas, futebol, polo aquático e halterofilismo para mulheres. Essa

restrição durou cerca de quatro décadas, durante as quais as mulheres ficaram limitadas ao papel de espectadoras ou praticantes informais (Ribeiro, 2023).

Desse modo, a inserção das mulheres no campo esportivo ocorreu de maneira lenta e gradativa, distinta de outras frentes de luta feminista que adotaram discursos mais confrontadores. Conforme observa Mourão (2000), no esporte as mulheres tenderam a buscar sua adaptação às estruturas já existentes, dominadas por valores masculinizados, em vez de reivindicar transformações estruturais.

Essa postura favoreceu a permanência da invisibilidade das atletas, mesmo diante dos avanços conquistados. Goellner (2004) complementa essa análise ao destacar que, embora atualmente a participação feminina seja mais ampla e diversificada, ainda persistem desigualdades nas oportunidades e resistências simbólicas à presença das mulheres nos esportes.

Apesar dos avanços na inserção das mulheres no campo esportivo ao longo do século XXI, os desafios enfrentados por elas vão além do acesso às modalidades e da legitimidade de sua participação. As desigualdades de gênero também se manifestam nas trajetórias esportivas, que são marcadas por múltiplas barreiras, desde a iniciação até a aposentadoria. Nesse sentido, é fundamental compreender como se constitui a carreira esportiva das mulheres, analisando seus percursos, obstáculos e as estratégias que desenvolvem para se manterem em um espaço historicamente masculinizado.

Além das justificativas construídas a partir de fatores biológicos, culturais e sociais, Théberge (2000) destaca que a predominância masculina no esporte é reforçada por três instâncias principais: a baixa participação das mulheres como profissionais do esporte, tanto como atletas quanto em cargos de liderança, como treinadoras; a escassa presença feminina em federações, clubes e comitês; e a limitada e, muitas vezes, deturpada participação das mulheres nos conteúdos esportivos veiculados pelos meios de comunicação.

Com isso, observa-se que a trajetória das mulheres no esporte vai além do desempenho em competições, refletindo também a escassez de oportunidades em cargos de comando e decisão (Santos et al., 2024). Embora tenham conquistado espaço como atletas, a participação feminina em funções técnicas, de liderança e de

gestão ainda é limitada, evidenciando barreiras estruturais e culturais que dificultam o avanço na carreira esportiva.

Essa baixa representatividade reforça a lógica patriarcal que organiza o sistema esportivo, valorizando atributos tradicionalmente masculinos, como autoridade e competitividade (Januario et al., 2024). A ideia persistente de que treinar e liderar equipes é tarefa masculina restringe o acesso das mulheres a essas posições. Apesar do crescimento da presença feminina na prática esportiva, o mercado de trabalho do setor segue predominantemente masculino, apresentando um maior número de equipes, técnicos, comentaristas e dirigentes homens (Goellner, 2004; Januario et al., 2024).

Ao analisarmos a realidade do handebol feminino brasileiro, ela ilustra de forma concreta a persistência das desigualdades de gênero nas instâncias de liderança esportiva. De acordo com o site da Confederação Brasileira de Handebol, na edição de 2024 da Liga Nacional de Handebol Feminino, embora tenham participado dez equipes, apenas uma delas contou com uma mulher no cargo de técnica: Aline Waleska Rosas Pará, à frente da equipe Ser Unimed Sorocaba (SP) (CBHB, 2024). A escassez de lideranças femininas evidencia as barreiras institucionais e culturais ainda presentes no esporte, que limitam a presença das mulheres a funções tradicionalmente associadas ao desempenho atlético, excluindo-as dos espaços de tomada de decisão e gestão (Devide, 2005).

Desse modo, para além de todas as barreiras já discutidas, as mulheres ainda enfrentam a luta por reconhecimento e visibilidade em um ambiente esportivo majoritariamente masculino. A visibilidade feminina no esporte, especialmente na mídia, é marcada por uma sub-representação significativa e por estereótipos que distorcem suas conquistas (Mourão, 2000; Goellner, 2004; (Januario et al., 2024). Essa realidade reflete uma desigualdade estrutural de gênero, que se manifesta desde o acesso, a participação e o incentivo até o reconhecimento público e a valorização econômica das atletas (Rubio, 2021).

Um exemplo clássico está na mídia esportiva: as mulheres são frequentemente retratadas mais por suas características físicas e emocionais do que por suas competências técnicas, o que trivializa suas experiências e reforça padrões limitadores (Moreno, 2008). Os meios de comunicação impõem uma invisibilidade

seletiva, privilegiando um padrão estético restrito, composto por mulheres jovens, altas e magras, que apresentam um comportamento emocional, enquanto silenciam a diversidade e as demandas das mulheres no esporte (Moreno, 2008). Essa representação reforça a ideia de que o esporte é um território culturalmente masculino, o que contribui para a baixa visibilidade feminina (Goellner, 2004).

Corroboramos com Goellner (2008) ao destacar que o esporte se tornou um território de exposição de corpos femininos e masculinos que educam outros corpos a consumir representações de saúde, sensualidade, beleza e sucesso, e também a vender o próprio corpo como produto em uma sociedade que valoriza o espetáculo, o consumo e a produtividade. Nesse contexto, a erotização dos corpos femininos em diversas modalidades ainda se sobrepõe à valorização da competência técnica, refletindo a desigualdade de gênero estrutural presente no meio esportivo (Pereira, 2016).

Sendo assim, a ausência ou a fraca visibilidade das mulheres no esporte está diretamente relacionada à forte visibilidade dos atletas homens, que geram maiores cifras, patrocínios e audiência, o que impulsiona uma cadeia de interesses que amplia ainda mais seu espaço midiático (Wortmann, 2008). Essa realidade exige uma ressignificação e um questionamento do que se naturalizou, como o hábito de associar o esporte automaticamente aos homens. Buscar maior incentivo e investimento para o esporte feminino é, portanto, um ato de ressignificação necessário (Santos et al., 2024).

Desse modo, acredita-se que, para essa ressignificação, artefatos culturais como fotos e vídeos podem ser ferramentas ideológicas importantes para desconstruir o discurso sexista e provocar novos entendimentos sobre o sexismo e a equidade de gênero no esporte (Guimarães Lins; De Castro, 2024).

Além disso, olhar para a história das mulheres atletas reforça o protagonismo por elas exercido, muitas vezes esquecido devido aos projetos políticos de um esporte dominado por homens. Dar visibilidade aos feitos das mulheres por meio de suas próprias narrativas permite reconhecer uma jornada frequentemente invisibilizada, e esse protagonismo deve ser interpretado como um ato político e social que inaugura um novo tempo, transgredindo limites impostos e ampliando espaços no campo esportivo (Rubio, 2021).

Compreender a trajetória da participação feminina no esporte exige considerar os entraves históricos, sociais e institucionais que ainda limitam o acesso das mulheres a oportunidades equitativas. A presença feminina continua reduzida em espaços de liderança, funções técnicas e representatividade, o que evidencia a permanência de relações de poder baseadas na masculinidade hegemônica. Esses obstáculos não apenas restringem o protagonismo das mulheres no esporte, como também afetam sua visibilidade e valorização social.

Nesse contexto, a exposição das atletas vai além do desempenho esportivo, estando diretamente relacionada à forma como suas histórias são narradas. Por isso, torna-se essencial discutir o papel da mídia na construção dessas representações, sobretudo em modalidades com menor cobertura, como o handebol feminino. É necessário analisar como os discursos midiáticos podem tanto reforçar estereótipos quanto contribuir para a ressignificação da imagem das atletas e do próprio esporte.

2.1.2. Mídia esportiva e a sub-representação do Handebol feminino.

É nítido que a evolução da mídia esportiva acompanha as transformações tecnológicas e sociais da modernidade. Como prova disso, podemos observar que, no final do século XIX e início do século XX, os jornais impressos foram os primeiros meios a registrar e divulgar eventos esportivos, ainda que de forma pontual e elitizada, destacando modalidades como o remo e o ciclismo (Melo, 2008).

Com o avanço da industrialização e a consolidação das cidades, o esporte ganhou caráter de espetáculo e passou a ocupar espaços fixos nas páginas dos jornais (Debord, 1997). A partir da década de 1930, com a popularização do rádio, o futebol rapidamente se consolidou como o principal produto midiático no Brasil, impulsionado por sua capacidade de gerar audiência e mobilizar emoções (Poletto et al., 2015).

A televisão, a partir dos anos 1960, transformou ainda mais o cenário esportivo. A imagem em movimento, a transmissão em tempo real e o caráter de entretenimento tornaram o esporte uma peça central na grade de programação (Januário; Veloso, 2019). Grandes eventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos passaram a receber cobertura massiva, e o futebol masculino tornou-se quase hegemônico na

mídia esportiva (Cooky; Messner; Musto, 2015). Nesse contexto, esportes de menor apelo comercial ou considerados menos populares, como o handebol, ficaram restritos à invisibilidade ou a coberturas esporádicas (Januário; Veloso, 2019).

Desse modo, essa seletividade midiática pode ser explicada pela lógica do espetáculo esportivo, na qual a valorização das modalidades se relaciona diretamente à sua capacidade de atrair audiência e gerar lucro. Como observa Debord (1997), o esporte é apropriado pela indústria cultural como uma mercadoria, e sua exposição na mídia é determinada por sua capacidade de entreter e mobilizar emocionalmente o público. Ao destacarmos o cenário brasileiro, Helal (1999) complementa que a preferência por esportes masculinos de massa se sustenta na construção histórica de narrativas heroicas e nacionalistas ligadas à virilidade e ao futebol.

Estudos internacionais demonstram que, mesmo após décadas de observação, a cobertura dos esportes femininos permanece estagnada (Cooky et al., 2021). Esses autores apontam ainda que a proporção de matérias destinadas às mulheres no noticiário televisivo é mínima e, quando ocorrem, seguem um padrão chamado de “*one and done*”, ou seja, são matérias pontuais, que logo são ofuscadas por sequências de conteúdos sobre esportes masculinos (Cooky et al., 2021).

Além da escolha por determinadas modalidades, a mídia também operou historicamente com recortes de gênero, raça e classe, o que contribuiu para a sub-representação das mulheres nos espaços esportivos (Rubio, 2021). Durante décadas, a prática esportiva feminina no Brasil foi desencorajada por meio de discursos médicos, religiosos e políticos. O Decreto-Lei nº 3.199/1941, por exemplo, proibia mulheres de praticar esportes considerados “incompatíveis com sua natureza”, entre eles o futebol e o handebol, sob a justificativa de que tais práticas ameaçavam sua feminilidade e saúde (Ribeiro, 2023).

Esse cenário começou a mudar apenas com a revogação da lei em 1979, mas os efeitos desse período ainda reverberam na forma como o esporte feminino é tratado até hoje (Ribeiro, 2023). Segundo Goellner (2004), a presença das mulheres no esporte sempre esteve vinculada a discursos de controle sobre seus corpos e comportamentos, sendo tolerada apenas quando associada à ideais de delicadeza e domesticidade. Já Rubio (2021) destaca que a história das mulheres no esporte

brasileiro é marcada pela exclusão e pela resistência, sendo necessário recuperar e valorizar essas trajetórias invisibilizadas para transformar o cenário atual.

Pensando em esportes que são atualmente subvalorizados no Brasil, chega-se ao handebol, que é um dos objetos de estudo deste trabalho. A história de sua criação ainda gera muitas incertezas, porém a versão mais aceita indica que a modalidade tem origem europeia, com registros no final do século XIX. O handebol chegou ao Brasil na década de 1930 e se consolidou principalmente no ambiente escolar (Andres, 2014).

Mesmo com ampla prática entre crianças e adolescentes, a modalidade sofreu e ainda sofre com a falta de investimento, infraestrutura e visibilidade. O handebol feminino, em especial, enfrenta desafios ainda maiores para alcançar o alto rendimento (Saint'clair, 2018). No entanto, nas últimas décadas, a Seleção Brasileira Feminina conquistou importantes resultados, como o inédito título do Campeonato Mundial de 2013, e desde então tem mantido boa performance em competições continentais e olímpicas (Saint'clair, 2018).

Assim, apesar das conquistas em quadra, a cobertura da modalidade na mídia tradicional segue sendo limitada. Contudo, momentos pontuais têm conseguido romper essa barreira e conquistar espaço. Durante os Jogos Olímpicos de Paris, em 2024, a goleira Gabriela Moreschi ganhou destaque nas redes sociais e na imprensa por suas defesas espetaculares. Outro momento de forte repercussão ocorreu quando a jogadora Tamires Morena viralizou ao carregar no colo uma adversária lesionada. A atitude de empatia foi amplamente divulgada pela mídia nacional e internacional. Em maio de 2025, a atleta foi contemplada com o Prêmio Ato de Fair Play Pierre de Coubertin, como forma de reconhecimento pelo gesto realizado (GE, 2025). Esses episódios evidenciam como a visibilidade pode surgir não apenas de títulos, mas também de narrativas humanas e envolventes (Simões; Knijnik, 2004).

Outro ponto importante a se destacar refere-se às iniciativas institucionais que responsáveis esportivos têm buscado para tentar mudar esse quadro. A Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) tem investido em transmissões digitais, produção de conteúdo para redes sociais e capacitação de atletas para o uso estratégico das mídias (CBHb, 2025). No plano internacional, o Comitê Olímpico Internacional (COI) lançou programas como o "Gender Equality Review Project", que estabelece diretrizes

para ampliar a presença de mulheres em cargos de liderança, competições e cobertura midiática (COI, 2018).

Entretanto, estudos apontam que mesmo esses momentos simbólicos raramente se convertem em maior cobertura contínua. Dados do IBOPE Repucom indicam que o esporte feminino recebe apenas entre 2% e 5% da cobertura da mídia esportiva brasileira, evidenciando um abismo ainda presente entre homens e mulheres no acesso ao espaço midiático (IBOPE REPUCOM, 2022).

Desse modo, Cooky et al. (2021) mostram que a visibilidade feminina tende a ocorrer em grandes eventos, principalmente mundiais, mas sem impacto duradouro na cobertura de outros jogos e, até mesmo, de outras modalidades. Infelizmente, esse fato alimenta um ciclo de exclusão: quanto menos as mulheres aparecem na mídia, menos o público reconhece seu valor esportivo, e essa dinâmica também se reflete no comportamento da audiência (Ribeiro, 2023). Assim, Fornari (2022) aponta que a falta de exposição midiática contribui para uma menor valorização simbólica dos esportes femininos, ainda que as performances atléticas sejam equivalentes ou superiores às performances masculinas.

Corroboramos, assim, com Santos Junior, (2012), ao destacar a mudança na percepção esportiva com a chegada da internet e, especialmente, das redes sociais, que trouxeram consigo um novo panorama de visibilidade esportiva para todas as modalidades. Plataformas como Instagram e YouTube tornaram-se ferramentas fundamentais para que as atletas promovam suas carreiras, devido ao seu alto nível de difusão na sociedade moderna (Rodríguez et al., 2023).

O Instagram transformou-se em um verdadeiro currículo digital. De acordo com Rodríguez et al. (2023), o Instagram é hoje uma das plataformas mais utilizadas por atletas de handebol para promover sua marca pessoal. Nessa rede, as atletas compartilham sua rotina de treinos, bastidores de competições e ações sociais, além de interagirem diretamente com fãs e patrocinadores. Essa ferramenta se consolidou como uma vitrine profissional que permite às jogadoras construir sua imagem com mais autonomia, diferentemente do que ocorre na mídia tradicional (Rodríguez et al., 2023).

O YouTube, por sua vez, tem ganhado destaque por permitir transmissões esportivas alternativas. No caso do handebol, canais como a TV CBHb e a Cazé TV

têm transmitido jogos nacionais e internacionais, dando visibilidade a competições que antes eram inacessíveis ao público. Desse modo, compreende-se que canais digitais ajudam a suprir lacunas deixadas pela cobertura tradicional, ampliando o alcance e o engajamento com a modalidade (Rodríguez et al., 2023). Como apontam Teixeira e Tietzmann, (2021), as redes sociais não apenas permitem uma comunicação direta entre atletas e público, como também atuam como ferramentas de inclusão e democratização, viabilizando a circulação de conteúdos que dificilmente encontrariam espaço nos grandes meios.

Assim, a trajetória do handebol feminino no Brasil reflete um percurso de resistência e conquista diante da histórica sub-representação na mídia. Se, por um lado, as coberturas tradicionais ainda marginalizam a modalidade, por outro, as redes sociais têm emergido como espaços estratégicos para a visibilidade, o reconhecimento e a valorização das atletas. O Instagram e o YouTube, nesse contexto, não são apenas canais de divulgação, mas ferramentas de transformação e afirmação no cenário esportivo contemporâneo. O reconhecimento dessas plataformas como instrumentos legítimos de construção de carreira mostra uma mudança importante, ainda que parcial, no modo como a visibilidade é conquistada pelas mulheres no esporte.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

Como a trajetória esportiva das atletas de handebol da seleção brasileira molda sua visibilidade nas redes sociais e qual é o impacto dessa visibilidade no desenvolvimento de suas carreiras, na popularização do handebol e na promoção do esporte feminino no Brasil?

4. OBJETIVOS

4. 1. Geral

Analisar como a trajetória e a carreira esportiva das atletas de handebol da seleção brasileira influenciam na construção e na manutenção de sua visibilidade nas

redes sociais, e de que forma essa visibilidade impacta suas carreiras e o reconhecimento da modalidade no Brasil.

4. 2. Específicos

- Investigar como as redes sociais auxiliam na construção da imagem pública e no fortalecimento do handebol feminino no Brasil;
- Identificar os principais marcos na trajetória esportiva das atletas de handebol da seleção brasileira que influenciam sua visibilidade nas redes sociais;
- Avaliar as estratégias de comunicação digital que são utilizadas pelas atletas para promover e manter sua visibilidade nas redes sociais;
- Analisar a relação entre o engajamento nas redes sociais e as oportunidades de carreira para as atletas, como reconhecimento profissional, patrocínios e convites para eventos;
- Investigar como as interações com fãs e seguidores nas redes sociais afetam a imagem pública das atletas e a forma como são percebidas pela mídia e pelas instituições esportivas.

5. JUSTIFICATIVA

O esporte desempenha um papel crucial na formação da identidade e na coesão social, e o handebol feminino no Brasil, apesar de seu potencial, enfrenta desafios significativos em termos de visibilidade e reconhecimento. A crescente influência das redes sociais oferece novas oportunidades para aumentar a visibilidade e o apoio ao esporte feminino, o que pode contribuir para a promoção da igualdade de gênero e para a valorização das mulheres no esporte.

Nesse sentido, compreendo que esta pesquisa é relevante para identificar como as estratégias de comunicação digital podem ser utilizadas para superar barreiras, promover a equidade e engajar a sociedade no reconhecimento do talento das atletas e na popularização do handebol feminino. Compreender esses aspectos pode contribuir para o desenvolvimento de políticas e iniciativas sociais que incentivem uma maior inclusão e valorização do esporte feminino.

Do ponto de vista acadêmico e científico, esta pesquisa preenche uma lacuna significativa na literatura existente sobre a interseção entre esporte, comunicação digital e visibilidade de gênero. Embora haja estudos sobre a influência das redes sociais em esportes masculinos e em outras áreas, ainda há necessidade de investigação específica sobre como essas dinâmicas afetam o handebol feminino e as carreiras das atletas.

A análise da trajetória esportiva das atletas, de suas estratégias de comunicação digital e do impacto dessa visibilidade na evolução de suas carreiras e na promoção do esporte oferece uma contribuição valiosa para o entendimento das interações entre as redes sociais e os esportes femininos. Assim, os resultados desta pesquisa podem fornecer dados relevantes para futuras investigações, orientar práticas de comunicação e marketing esportivo e auxiliar na formulação de estratégias que visem melhorar a visibilidade e o reconhecimento do handebol feminino.

Para além desses fatores, destaco que esta pesquisa possui grande significância pessoal, tanto pela minha paixão pelo esporte quanto pelo interesse em compreender como fatores externos, como as redes sociais, podem impactar a trajetória das atletas e a visibilidade do esporte.

Como entusiasta do handebol e defensora da equidade de gênero no esporte, vejo nesta pesquisa uma oportunidade de contribuir para a valorização do handebol feminino e para a promoção de políticas que favoreçam a participação das mulheres no esporte. Por meio desta investigação, pretendo desenvolver uma compreensão mais aprofundada dos desafios e oportunidades enfrentados pelas atletas, o que pode orientar e inspirar futuras iniciativas de apoio e promoção ao esporte feminino.

6. METODOLOGIA

Inicialmente, destaca-se que este estudo se define como uma investigação qualitativa, focada em compreender, de maneira subjetiva e contextual, uma realidade social. Isso será realizado por meio da narrativa de histórias, da exploração do universo simbólico e da interpretação de significados, razões, crenças, valores, atitudes e outros aspectos oriundos dos participantes sociais (Minayo, 2010).

Para captar essa realidade social, a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados por meio da interação direta do pesquisador com o fenômeno estudado (Appolinário, 2009). Deste modo, destaca-se que, neste estudo, o fenômeno a ser compreendido parte da análise da trajetória esportiva das atletas da seleção brasileira feminina de handebol e de sua visibilidade na rede social Instagram.

Sendo assim, o percurso teórico-metodológico baseou-se em entrevistas semiestruturadas, apoiadas no uso da técnica da Timeline. A Timeline pode ser considerada um recurso visual que complementa entrevistas semiestruturadas, especialmente ao abordar questões sensíveis ou com populações vulneráveis que vivenciaram traumas. Ela é útil para fomentar o envolvimento crítico e suscitar novas questões sobre a relação entre pesquisador e pesquisado, sendo elaborada de forma colaborativa, com a participação de ambos (Kolar, Ahmad, e Erickson, 2015).

As Timelines são construídas a partir dos eventos de vida dos participantes, organizados em ordem cronológica e representados visualmente. Destacam-se por sua capacidade de evidenciar a importância e o significado atribuído a cada evento, contribuindo para a compreensão de diversos fenômenos sociais (Berends, 2011; Patterson et al., 2012). Ressalta-se que o uso dessa ferramenta tem se mostrado promissor, sobretudo diante da escassez de pesquisas socioculturais sobre o handebol, especialmente quando praticado por mulheres (Andres; Goellner, 2018).

Por meio da Timeline, será possível compreender as vivências esportivas das atletas, bem como suas experiências pessoais, familiares, profissionais e comunitárias, evidenciando sua trajetória ao longo da prática esportiva. Paralelamente, a análise da visibilidade complementar esse processo, examinando o papel das plataformas digitais na promoção do handebol feminino e no reconhecimento das atletas. Também foram adicionados dados em nível mundial e nacional sobre o interesse do público pela seleção brasileira feminina de handebol, com base na ferramenta Google Trends.

O Google Trends é uma ferramenta gratuita disponibilizada pelo Google que permite analisar a popularidade relativa de termos de busca inseridos pelos usuários ao longo do tempo (Google, 2025). Lançada em 2006, essa plataforma coleta, organiza e apresenta dados com base nas pesquisas realizadas no motor de busca Google, oferecendo visualizações em gráficos temporais que indicam a frequência

com que determinados termos foram buscados em regiões específicas ou em escala global (Google, 2025).

O funcionamento do Google Trends baseia-se na normalização dos dados de busca. Em vez de apresentar números absolutos, a ferramenta utiliza uma escala de 0 a 100 para representar o interesse relativo em um termo (Jun, Yoo e Choi, 2018). O valor 100 representa o pico de popularidade do termo no período e localidade selecionados, enquanto valores menores indicam uma proporção inferior de visibilidade e interesse. Dessa forma, o Google Trends não revela quantas buscas foram feitas, mas sim a intensidade do interesse ao longo do tempo (Jun, Yoo e Choi, 2018).

A integração dessas abordagens permitirá uma compreensão mais ampla da construção da visibilidade e valorização do handebol feminino, promovendo análises mais robustas e com um olhar ampliado sobre a totalidade do objeto de estudo.

Por fim, destaca-se que a presente pesquisa foi conduzida respeitando rigorosamente os princípios éticos estabelecidos para estudos envolvendo seres humanos, conforme aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 99590718.9.0000.5083 e número de protocolo 3.007.424/2018. Todas as atletas participantes foram previamente informadas sobre os objetivos, procedimentos e possíveis implicações do estudo, e manifestaram seu consentimento por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalta-se a importância dessa formalidade, pois ela garante a proteção dos direitos, da privacidade e o uso responsável dos dados coletados durante a pesquisa.

6.1. Aprofundando na *Timeline*

Para esta pesquisa, foram consideradas as 102 atletas convocadas para a seleção brasileira feminina de handebol entre os anos de 2014 e 2025 (CBHb, 2025). Dentre elas, 24 foram selecionadas como participantes potenciais, sendo 15 ainda em atividade e 9 já aposentadas. Dessas, 7 atletas efetivamente participaram da pesquisa: 2 em atividade e 5 aposentadas. Optou-se por utilizá-las como fonte do estudo por

serem atletas profissionais de alto rendimento, possuírem prestígio e serem referências na modalidade para os brasileiros.

O contato foi realizado por meio das redes sociais Instagram e WhatsApp. O tempo médio previsto para a realização das entrevistas foi de aproximadamente 45 minutos. As entrevistas foram guiadas por uma média de 15 perguntas abertas, distribuídas em sete blocos temáticos: performance esportiva e reconhecimento midiático; redes sociais e construção de imagem; estratégias de comunicação digital; engajamento e oportunidades de carreira; visibilidade das mulheres no esporte; trajetória esportiva; e carreira esportiva.

Esse sistema foi escolhido com base na perspectiva de Thomas, Nelson e Silverman (2012), que destacam que entrevistas semiestruturadas oferecem ao entrevistado maior liberdade para expressar opiniões e emoções. Dessa forma, as atletas envolvidas na pesquisa tiveram a oportunidade de aprofundar suas percepções sobre os fatores positivos e negativos que consideram relevantes em relação ao tema do estudo.

Quando necessário, o número de perguntas foi ajustado para garantir melhor compreensão e adequação à dinâmica da entrevista. Destaca-se também que todas as entrevistas foram realizadas por meio de videoconferências, utilizando a plataforma Google Meet, devido à localização geográfica das atletas.

Como mencionado anteriormente, a metodologia adotada incluiu entrevistas semiestruturadas, apoiadas pelo uso da técnica da *Timeline*. Para a aplicação dessa abordagem, foram seguidas as seguintes etapas: elaboração do roteiro, realização da entrevista, transcrição, edição textual (copidesque) e conferência do conteúdo pela pessoa entrevistada. Em conjunto com a realização das entrevistas, o recurso da *Timeline* foi utilizado para traçar a relação entre a trajetória esportiva das atletas e sua visibilidade nas redes sociais. A construção das *Timelines* foi baseada nas respostas e nos fatos destacados ao longo do diálogo.

6.2. Análise e interpretação de dados.

Para examinar essas questões, adotamos a metodologia de análise de conteúdo conforme delineada por Bardin (1977), apoiando-nos na sequência

metodológica e na descrição detalhada fornecida por Minayo, (1992). A análise de conteúdo é caracterizada como uma metodologia de investigação científica que permite a descrição objetiva, sistemática e quantitativa dos conteúdos manifestos em diversas formas de comunicação, tanto de forma explícita quanto implícita, com o propósito de interpretá-los posteriormente (Bardin, 1977).

Dessa forma, a análise de conteúdo divide-se em três etapas principais: a pré-análise, que corresponde à organização dos documentos; a exploração do material, que envolve a identificação e categorização das unidades de significado; e a interpretação, etapa dedicada à inferência e reflexão a partir dos dados (Bardin, 1977).

Na fase de pré-análise, o pesquisador realiza uma leitura flutuante e define quais documentos serão estudados, com base nas perguntas de pesquisa e nos objetivos do estudo. Em seguida, na fase de exploração do material, realiza-se a codificação dos dados, dividindo o conteúdo em unidades de registro (como temas, palavras ou frases) e unidades de contexto, de modo a interpretar o significado considerando o conjunto da comunicação.

Na fase final, a interpretação, o pesquisador utiliza inferências para extrair significados mais profundos e relacionar as informações obtidas com a teoria e as hipóteses iniciais (Bardin, 1977). Corroboramos com Gil (2008) ao ressaltar que esse método é vantajoso por permitir um entendimento detalhado do conteúdo e dos contextos comunicativos dos documentos, oferecendo uma melhor compreensão das dinâmicas e realidades sociais.



Figura 1: Fluxo metodológico da pesquisa, da coleta à análise.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para uma melhor compreensão, a seção de resultados foi dividida em três subcategorias. A primeira apresenta um panorama geral sobre a visibilidade da Seleção Brasileira de Handebol Feminino na mídia. O segundo subtópico concentra-se na análise inicial das atletas entrevistadas, permitindo conhecer mais profundamente o objeto de estudo e apresentar suas respectivas *Timelines*. O terceiro e último subtópico apresenta a análise das unidades de significado relacionadas à pesquisa.

7.1. Panorama Geral: Seleção Brasileira e sua visibilidade

A análise dos dados referentes ao panorama geral da visibilidade da Seleção Brasileira de Handebol Feminino foi realizada por meio da ferramenta Google Trends,

que permite observar o volume relativo de buscas realizadas no Google ao longo do tempo. Essa abordagem metodológica possibilitou mensurar o interesse do público pela seleção em diferentes contextos históricos e midiáticos, tanto no Brasil quanto no cenário mundial.

Os dados foram coletados a partir da palavra-chave Seleção Brasileira de Handebol Feminino, no intervalo de janeiro de 2010 a abril de 2025, e apresentados em dois gráficos distintos: o primeiro refere-se ao interesse global (Figura 1) e o segundo, ao interesse restrito ao território brasileiro (Figura 2). Dessa forma, a visualização desses dados fornece subsídios para compreender como grandes eventos esportivos impactam a visibilidade e o reconhecimento da modalidade junto ao público. Observe os gráficos abaixo:

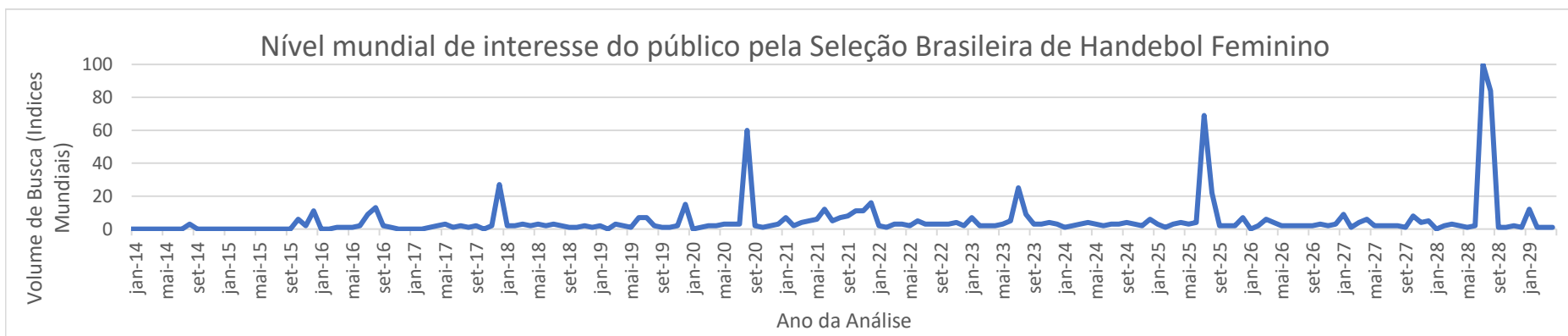


Figura 2: Nível mundial de interesse do público pela Seleção Brasileira de Handebol Feminino



Figura 3: Nível nacional de interesse do público pela Seleção Brasileira de Handebol Feminino

O primeiro gráfico, que apresenta o interesse mundial, mostra que os momentos de maior procura coincidem com grandes campeonatos internacionais. Em 2012, houve um aumento considerável durante as Olimpíadas de Londres (42), quando a seleção chegou às quartas de final. Outro ponto relevante ocorreu em dezembro de 2013, quando o Brasil conquistou o Campeonato Mundial de Handebol Feminino (85), sendo este o único título mundial da equipe até o presente momento.

Em 2016, observou-se outro pico de interesse, relacionado às Olimpíadas do Rio de Janeiro (65), quando o Brasil realizou sua melhor campanha olímpica. Outros aumentos menores aconteceram em 2021, com as Olimpíadas de Tóquio (adiadas por causa da pandemia), e em 2023 (52), durante mais uma edição do Campeonato Mundial, realizado na Polônia e Suécia.

No entanto, o dado mais significativo de todo o período aparece em 2024, quando o gráfico atinge o valor máximo de 100, representando o maior número de pesquisas registradas. Esse pico pode estar relacionado à classificação da Seleção Brasileira para as Olimpíadas de Paris 2024, bem como à atenção da mídia em torno da expectativa pela participação da equipe.

O fato de o Brasil estar presente com frequência nas Olimpíadas, aliado à história de dedicação e garra da equipe, assim como ao destaque de individualidades, como as grandes defesas da goleira Gabriela Moreschi e o ato solícito da pivô Tamires Morena ao carregar nos braços uma atleta adversária lesionada, pode ter atraído maior atenção do público e da imprensa, resultando nesse recorde de visibilidade. Esses elementos corroboram as concepções de Simões e Knijnik (2004), segundo as quais o esporte ultrapassa a lógica puramente competitiva, sendo profundamente impactado por dimensões sociais e humanas.

No segundo gráfico, que analisa o interesse no Brasil, nota-se um comportamento semelhante. No entanto, os momentos de maior procura revelam um entusiasmo ainda mais acentuado em eventos nos quais a seleção participa diretamente em território nacional ou conquista resultados expressivos. Um dos pontos altos foi em 2013, com a conquista inédita do Mundial, seguido de 2016, quando o Brasil sediou os Jogos Olímpicos.

Em 2024, observa-se outro pico importante, evidenciando o quanto os brasileiros se interessam pela jornada da seleção rumo a Paris. Esses dados indicam que, embora o handebol feminino não esteja entre os esportes mais comentados no

país, existe um grande potencial de engajamento do público, especialmente quando a equipe apresenta bons resultados ou participa de eventos com projeção olímpica.

Dessa forma, os gráficos demonstram que a visibilidade da Seleção Brasileira de Handebol Feminino depende fortemente da participação em campeonatos relevantes, sobretudo quando a equipe apresenta bom desempenho ou quando há um simbolismo especial, como sediar as Olimpíadas ou disputar uma edição com boas chances de êxito. Gabriel (2015) justifica esse fenômeno ao afirmar que, ao longo de sua trajetória, percebeu que a mídia esportiva, especialmente em relação a modalidades sub-representadas no Brasil, apresenta um comportamento volátil, com grandes picos de exposição em momentos específicos, seguidos de períodos de invisibilidade.

O auge observado em 2024 ressalta a importância da cobertura midiática e do interesse prévio aos Jogos Olímpicos na construção da imagem da equipe. Nesse sentido, concordamos com Summers e Morgan (2008), ao destacarem que não basta jogar bem e vencer competições: para mudar a realidade da visibilidade dessas modalidades, é necessária uma exposição adequada e constante, capaz de proporcionar melhores condições financeiras, estruturais, além de ampliar a base de fãs e atrair patrocinadores.

Esses dados revelam a necessidade de ações esportivas e estratégias de divulgação que valorizem o handebol feminino de maneira contínua, e não apenas durante os campeonatos. Fortalecer sua presença ao longo do tempo contribui para o reconhecimento das atletas, o desenvolvimento da modalidade e a ampliação de seu público, favorecendo sua consolidação e valorização em longo prazo (Rubio, 2021).

Ano	Evento	Relevância Mundial	Relevância Nacional
2011	Pré-Olímpico de Londres / Pan de Guadalajara	35	36
2012	Olimpíadas de Londres	42	48
2013	Título Mundial da Seleção Feminina	85	88
2015	Pan-Americano de Toronto	38	40
2016	Olimpíadas do Rio de Janeiro	65	72
2019	Mundial de Handebol no Japão	40	42
2021	Olimpíadas de Tóquio (realizadas em 2021)	52	54
2024	Olimpíadas de Paris (expectativa e classificações - pico máximo)	100	100

Figura 4: Picos de interesse identificados no Google Trends para a Seleção Brasileira de Handebol Feminino, tanto no contexto mundial quanto nacional.

Além da análise da evolução temporal do interesse, os dados fornecidos pelo Google Trends também permitem observar de maneira detalhada como esse interesse está distribuído geograficamente, evidenciando as regiões onde a Seleção Brasileira de Handebol Feminino desperta maior atenção ao longo dos anos. Destaca-se que, assim como as informações anteriores, esse interesse baseado na distribuição geográfica também segue duas vertentes, a Mundial (Figura 4 e 5) e a Nacional (Figura 5 e 6) Observe abaixo:



Figura 5: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino, a nível mundial 1° ao 5° colocado

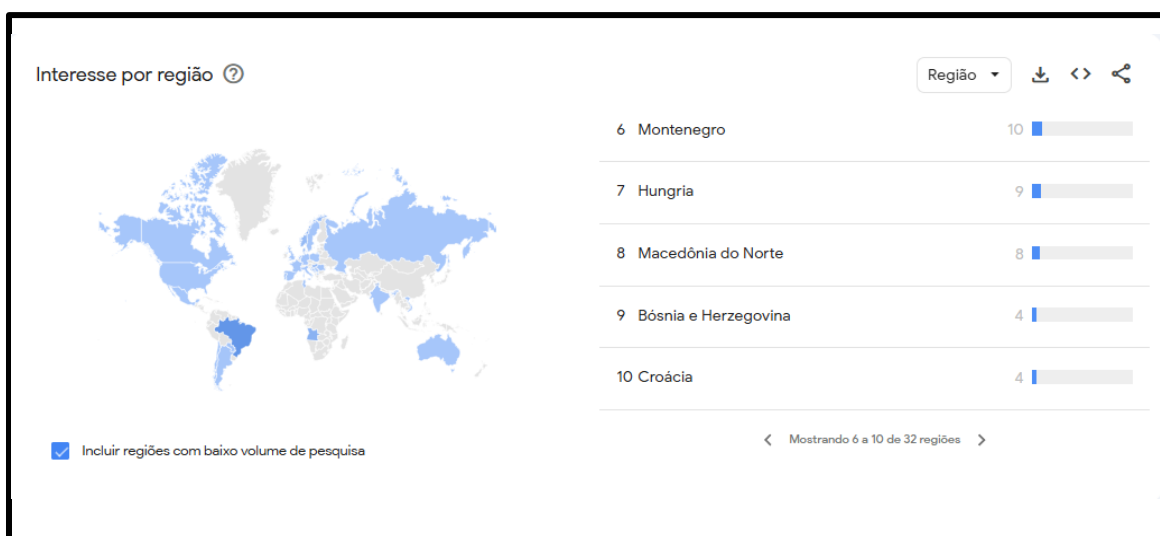


Figura 6: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino a nível mundial, 6° ao 10° colocado

A partir das figuras acima, podemos observar que o panorama global das pesquisas revela um dado interessante: São Vicente e Granadinas lidera as buscas, surgindo como o país com o índice mais alto (100). Em seguida, destacam-se Brasil (44), Angola (19), Noruega (12) e Dinamarca (12). A presença do Brasil nessa lista não surpreende, por se tratar da seleção nacional, mas os demais países apresentam aspectos curiosos.

Apesar de ser um país pequeno, São Vicente e Granadinas pode ter demonstrado um interesse maior em razão de acontecimentos específicos ou por

possuir um volume geral de buscas reduzido, o que faz com que qualquer aumento se torne significativo. Angola, por sua vez, mantém ligações históricas e linguísticas com o Brasil, além de apresentar uma tradição consolidada no handebol feminino africano, o que pode justificar sua posição na lista.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional (2023), Angola é reconhecida como a principal potência do handebol feminino no continente africano, com 16 títulos do Campeonato Africano, 17 participações em Campeonatos Mundiais e oito presenças consecutivas nos Jogos Olímpicos desde 1996. As relações históricas e culturais entre Angola e Brasil, compartilhando o idioma português e laços coloniais, favorecem intercâmbios esportivos e culturais. Durante os Jogos Olímpicos Rio 2016, por exemplo, a seleção angolana conquistou a simpatia da torcida brasileira, sendo considerada por muitos fãs como a “segunda seleção do coração” (Tiburcio, 2016).

A presença da Noruega e Dinamarca pode ser explicada por suas tradições no esporte, sendo potências no handebol feminino global. O continente europeu é considerado o berço do handebol, o que contribuiu para que a modalidade se tornasse extremamente estruturada e tradicional na região, concentrando as principais escolas do esporte. Além disso, a Europa abriga os campeonatos e ligas de clubes mais importantes do mundo, como a Champions League, que atrai grande atenção internacional e fortalece o nível competitivo das equipes europeias (Ribeiro, 2015). É possível também que a atuação de jogadoras brasileiras em clubes europeus tenha aumentado a procura por informações nos sites de busca dessas localidades.

A análise também indica um interesse considerável em países do Leste Europeu, como Montenegro (10), Hungria (9), Macedônia do Norte (8), Bósnia e Herzegovina (4) e Croácia (4). Esses países contam com seleções fortes e presença constante em campeonatos internacionais, o que pode explicar o aumento das buscas em momentos de jogos importantes ou durante períodos de maior cobertura midiática.

De forma geral, esses dados demonstram que a Seleção Brasileira de Handebol Feminino é reconhecida fora do Brasil, atingindo tanto países com tradição no handebol quanto nações com vínculos linguísticos ou históricos com o país. Essa distribuição pode ser estratégica em ações de divulgação e crescimento da modalidade. Ao alcançar diferentes públicos internacionais, seja por sua relevância esportiva ou por conexões culturais, a seleção brasileira tem potencial para ampliar sua visibilidade, atrair novos fãs, fortalecer sua imagem institucional e estabelecer

parcerias que contribuam para o desenvolvimento do handebol feminino, tanto no Brasil quanto em contextos globais.

No que se refere ao segundo gráfico, relacionado à distribuição geográfica das buscas no território brasileiro (Figuras 7 e 8), os dados mostram que os estados com maior interesse estão localizados fora do eixo Centro-Sul-Sudeste, com destaque para as regiões Norte e Nordeste. Roraima lidera, com o pico de interesse (100), seguido por Alagoas e Tocantins (ambos com 71), além do Distrito Federal e Espírito Santo (ambos com 64). Estados como Pernambuco, Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Norte e Santa Catarina também se destacam, todos apresentando o mesmo nível de interesse relativo (64).



Figura 7: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino, a nível nacional 1° ao 5° colocado

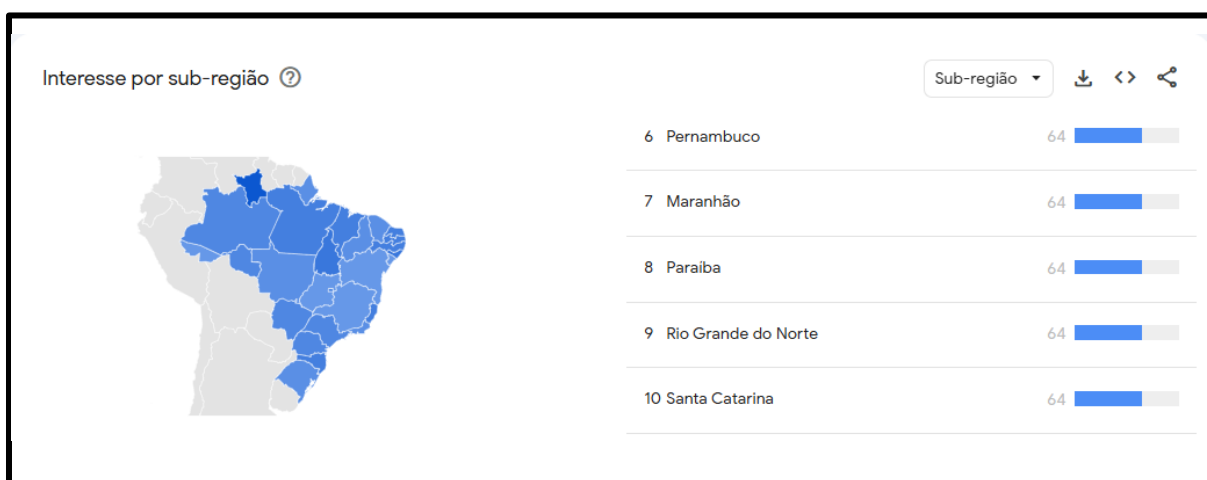


Figura 8: Distribuição geográfica do interesse populacional na Seleção Brasileira de Handebol Feminino, a nível nacional 6° ao 10° colocado

Tal panorama revela um forte envolvimento com o handebol feminino em áreas que geralmente não são o foco da mídia esportiva, como o Norte e parte do Nordeste. A liderança de Roraima é especialmente interessante e pode estar ligada a projetos locais de incentivo ao esporte, eventos escolares ou regionais, ou até mesmo ao menor número de usuários, o que aumenta a relevância de buscas específicas. Alagoas, Pernambuco e Paraíba, por outro lado, têm uma história de valorização do handebol nas escolas e universidades, o que pode explicar o grande interesse. Esse fato corrobora a pesquisa de Andres (2014), que relata que as regiões Norte e Nordeste estão em desenvolvimento no esporte e buscam firmar tradição no handebol em nível de clube, já que, no nível colegial, já podem ser consideradas potências.

O destaque do Distrito Federal sugere uma possível ligação com centros de treinamento esportivo e universidades com equipes competitivas e projetos voltados ao esporte feminino. Santa Catarina, representando o Sul, é tradicionalmente forte em esportes coletivos, incluindo o handebol, que tem uma presença marcante em ligas escolares e universitárias do estado. Andres (2014) relata que o handebol já se apresenta como uma modalidade tradicional e bem consolidada em Santa Catarina e vem se desenvolvendo rapidamente em cidades do Distrito Federal.

Em resumo, os dados indicam que o interesse pelo handebol feminino está mais distribuído pelo país do que concentrado em áreas mais conhecidas, como São Paulo e Rio de Janeiro, o que reforça a importância de ações que incentivem, invistam e divulguem a modalidade de forma descentralizada. Observa-se, assim, um grande potencial de engajamento digital nessas regiões, o que pode ser explorado por políticas públicas e por estratégias de mídia voltadas ao fortalecimento da visibilidade do handebol feminino em todo o país.

Corrobora-se, nesse sentido, com Camargo (2016), ao relatar que a descentralização das políticas esportivas é fundamental não apenas para democratizar o acesso ao esporte, mas também para valorizar talentos locais, ampliar a visibilidade de modalidades menos promovidas, como o handebol feminino, e fortalecer a presença dessas práticas esportivas em diferentes contextos regionais do país.

Dessa forma, a maneira como o interesse se espalha pelo país também indica a necessidade de criação de projetos para apoiar o handebol feminino em diferentes regiões, tanto no Brasil quanto no exterior, fortalecendo e ampliando o alcance do esporte. Esses números deixam claro que é essencial desenvolver boas estratégias de comunicação e valorizar continuamente o esporte, para que o handebol feminino esteja sempre presente na memória da população de forma mais forte e estruturada.

7. 2. Atletas entrevistadas

Foi realizado contato com 24 atletas da seleção brasileira de handebol feminino, das quais 9 estão aposentadas e 15 ainda em atividade. A abordagem foi feita por meio de duas plataformas: Instagram e WhatsApp. Inicialmente, observou-se um número reduzido de respostas. Das 24 atletas contatadas, duas informaram estar indisponíveis para conceder entrevista, sete aceitaram participar e, em 15 casos, não houve retorno ou sucesso no contato (Quadro 1). Das sete atletas que aceitaram participar, duas ainda estão em atividade na seleção e cinco já se encontram aposentadas, as entrevistas obtiveram uma duração média de 35 minutos à 1 hora e 20 minutos.

Quadro 1: Atletas contatadas e resultado do contato

ATLETAS	STATUS	CONTATO	RESPOSTA
Adriana Cardoso	Ativa	Instagram e Whatsapp	Sem Sucesso
Alexandra Nascimento	Aposentada	Instagram e Whatsapp	Indisponível
Barbara Arenhart	Aposentada	Instagram	Sem Sucesso
Bruna de Paula	Ativa	Instagram e Whatsapp	Sem Sucesso
Daly Mesquita	Aposentada	Whatsapp	Realizada
Daniela Piedade	Aposentada	Instagram e Whatsapp	Indisponível
Dara Diniz	Aposentada	Whatsapp	Realizada
Deonise Fachinello	Aposentada	Instagram	Sem Sucesso
Gabriela Bitolo	Ativa	Instagram e Whatsapp	Sem Sucesso

Gabriela Moreschi	Ativa	Instagram e Whatsapp	Sem Sucesso
Giulia Guarieiro	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
Graziele Pereira	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
Jéssica Quintino	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
Jhennifer Lopes	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
Kelly Rosa	Ativa	Whatsapp	Realizada
Lucila Vianna	Aposentada	Whatsapp	Realizada
Marcela Arounian	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
Mari Fernandes	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
May Fier	Aposentada	Whatsapp	Realizada
Micaela Rodrigues	Ativa	Whatsapp	Sem Sucesso
Naira Almeida	Ativa	Whatsapp	Realizada
Patrícia Matieli	Ativa	Whatsapp	Indisponível
Tamires Morena	Ativa	Instagram e Whatsapp	Sem Sucesso
Zezé Sales	Aposentada	Whatsapp	Realizada

A seguir, os tópicos serão organizados individualmente para cada uma das sete atletas que aceitaram participar desta pesquisa. Cada seção apresentará um breve perfil da atleta, incluindo informações sobre sua trajetória esportiva, principais conquistas, desafios enfrentados ao longo da carreira, e sua relação com as redes sociais no contexto da visibilidade e valorização do handebol feminino, entre outros fatores relevantes.

As análises se baseiam nos dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, que permitiram compreender as percepções das atletas sobre sua imagem pública, estratégias de comunicação digital e impactos dessa visibilidade em suas carreiras, etc. Para complementar e facilitar a compreensão do percurso de cada atleta, serão apresentadas suas *Timelines* com os principais marcos de suas trajetórias, organizadas de forma cronológica.

7. 2. 1. Daly Mesquita

Nascida em São Gonçalo (RJ) em 2 de julho de 1976, Idalina Borges Mesquita, ou Daly Mesquita, foi uma notável ponta esquerda. Sua trajetória no handebol foi marcada pela firmeza, empenho e importantes vitórias tanto no Brasil quanto no exterior. Aos 15 anos, Daly deu seus primeiros passos no Clube Esportivo Mauá, celeiro de talentos do Rio. Sua rapidez e poder de ataque logo chamaram atenção, levando-a à seleção nacional. Ela defendeu o Brasil em três Olimpíadas: Sydney em 2000, Atenas em 2004 e Pequim em 2008.

Nos Jogos Pan-Americanos, Daly brilhou com três ouros: Winnipeg em 1999, Santo Domingo em 2003 e Rio em 2007, solidificando o domínio do Brasil. Após se aposentar, dedicou-se ao ensino como professora de Educação Física em Niterói, focando na formação de atletas e no esporte.



Figura 9: Perfil no Instagram da atleta Daly

Daly Mesquita encerrou sua carreira profissional no handebol em 2012, quando retornou ao Brasil após anos jogando na Europa. Segundo ela, a falta de estrutura e investimento no esporte no Rio de Janeiro inviabilizou a continuidade da carreira como atleta profissional. Daly explicou que, em estados como São Paulo, ainda há possibilidade de se viver do handebol, mas no Rio o esporte se mantém mais pelo amor do que como profissão. Assim, ela direcionou sua trajetória para a educação, área na qual já era formada desde 1997. Ao voltar ao Brasil, fez pós-graduação em Educação Física Escolar e concluiu um mestrado, atuando desde então como professora.

Embora tenha se afastado do esporte de alto rendimento, Daly permanece conectada ao handebol, seja comentando jogos na Esporte TV desde 2016, na Cazé TV durante o Pan-Americano ou participando do Brasil Master Cup, torneio anual em

São Paulo que reúne ex-atletas e amadores. Ela relata a satisfação de, mesmo de maneira não profissional, continuar próxima ao esporte.

Sobre sua relação com as redes sociais, Daly confessa que nunca foi uma usuária ativa, considerando o ambiente digital, muitas vezes, superficial e mascarado. Ela acredita que atualmente "você é o que você vende na internet", mas lamenta que, muitas vezes, o que se vende é um personagem e não a realidade. Daly conta que só criou um perfil no Instagram por necessidade profissional, após pressão de colegas da Esporte TV em 2016, e hoje usa a rede principalmente para divulgar eventos esportivos e escolares, mantendo um uso moderado. Ela observa que qualquer postagem sua, por ser rara, gera grande engajamento, mas reconhece que deveria ser mais ativa digitalmente.

Daly reflete sobre a visibilidade conquistada fora das redes e destaca que sua geração, responsável pela primeira participação olímpica do handebol brasileiro, não obteve o mesmo reconhecimento que os atletas atuais, devido à ausência das redes sociais naquela época. Ela se surpreendeu, por exemplo, com a repercussão de sua atuação como comentarista, especialmente na transmissão via streaming, que atinge um público jovem mais conectado à internet.

Sua trajetória profissional foi marcada por desafios e conquistas. Daly começou a praticar handebol tardiamente, aos 15 anos, e rapidamente se destacou, conquistando uma bolsa na Universidade Salgado de Oliveira. Após formar-se em Educação Física, dedicou-se ao esporte e alcançou marcos importantes, como integrar a primeira seleção brasileira feminina a disputar uma Olimpíada, em Sydney 2000. Apesar da frustração com a lesão no ligamento cruzado, que limitou sua participação nos Jogos, Daly considera esse episódio um dos maiores desafios superados em sua carreira.

Entre os momentos decisivos, ela destaca a vitória no Pan-Americano de 1999, que garantiu a inédita classificação do Brasil para uma Olimpíada, e o sétimo lugar no Mundial da Rússia em 2005, quando o Brasil superou seleções europeias como França e Romênia. Daly lamenta que, mesmo com resultados expressivos, a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) não tenha investido em estratégias de marketing e comunicação para consolidar e divulgar essas conquistas. Ela relata que a CBHb era responsável por administrar as redes sociais das atletas e, muitas vezes, as jogadoras cobravam mais apoio e divulgação por parte da entidade.

Em relação à comunicação e marketing esportivo, Daly relata a precariedade vivida nos anos 1990 e 2000. Durante as competições, a comunicação com familiares era limitada a e-mails enviados de tendas de informática, com acesso cronometrado e internet de baixa qualidade. Ela compara com a atualidade, em que as redes sociais oferecem visibilidade e permitem que os atletas gerenciem sua imagem e interajam diretamente com o público, destacando casos como o da goleira brasileira Gabi Moreschi, que ganhou milhares de seguidores após uma atuação destacada na Olimpíada.

Daly acredita que a internet é uma ferramenta importante, mas não essencial para a promoção do esporte e o fortalecimento da visibilidade das mulheres no ambiente esportivo. No entanto, alerta para o caráter muitas vezes superficial das interações online. Ela critica as críticas dirigidas às mulheres atletas, que vão além da performance esportiva, atingindo aspectos físicos e estéticos, algo que, segundo ela, não acontece da mesma forma com os homens.

A ex-atleta também relata que, ao longo de sua carreira, percebeu desigualdades de gênero, principalmente na ausência de mulheres em cargos de comando na seleção brasileira. Daly menciona que a seleção feminina nunca foi comandada por uma mulher, apesar de várias técnicas brasileiras terem trajetória vitoriosa em clubes. Em sua dissertação de mestrado, ela abordou a representatividade feminina no handebol, constatando essa exclusão.

Daly destacou que nunca sofreu nenhuma situação diretamente direcionada a ela por ser mulher no handebol, apenas comentários de que o esporte era muito violento e não deveria ser praticado por mulheres. Sobre as diferenças de tratamento entre os times femininos e masculinos da seleção brasileira de handebol, afirma que, mesmo quando o feminino obtinha os melhores resultados, nunca recebia mais destaque que o masculino.

Outro aspecto que Daly considera essencial para a evolução da presença feminina no esporte é o apoio às mães atletas. Ela destaca políticas implementadas em países como a França, onde atletas podem levar seus filhos às competições, o que não acontece no Brasil. Defende também a oferta de cursos profissionalizantes para mulheres que desejam seguir carreira esportiva após a aposentadoria.

Daly revelou que, durante sua trajetória, recebeu apoio financeiro pontual do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), limitado a seis meses antes de Jogos Pan-

Americanos e Olimpíadas, já que na sua época não havia bolsa-atleta. Ela avalia que políticas de apoio mais consistentes são fundamentais para fortalecer o esporte.

Destaca que começou no handebol aos 15 anos por meio da escola e foi se envolvendo aos poucos. Ressalta que vencer campeonatos e ligas nacionais solidificou sua base no handebol, o que levou à sua primeira convocação para a seleção adulta em 1995, mesmo ainda sendo júnior. Nesse ano, ganhou duas vezes o prêmio de melhor da partida. A final contra o Canadá, que garantiu o título Pan-Americano, e as Olimpíadas de 2000 foram marcos importantes para a atleta. Outro ponto relevante foi a campanha da seleção brasileira no Mundial de 2005, quando ficou em sétimo lugar. As Olimpíadas do Rio de Janeiro, por sua vez, tiveram um sabor especial para Daly, por serem disputadas em sua cidade natal.

Sua carreira internacional começou após se destacar no Mundial de 2005. Daly recebeu propostas de clubes europeus e optou por jogar na Alemanha em 2006, onde percebeu o abismo existente entre o profissionalismo europeu e a estrutura do handebol brasileiro. Jogou na Alemanha e na Áustria, permanecendo sete anos na Europa até encerrar sua carreira em 2012, por razões pessoais.

Entre as figuras que a inspiraram, Daly cita Zezé, sua técnica no Clube Mauá e companheira na seleção, cuja trajetória e caráter a marcaram profundamente. Ela relata que começou a jogar o Master em 2019, mas que 2024 teve um sabor especial por poder jogar ao lado de Zezé. Acredita que sua trajetória, assim como a de outras mulheres no esporte, inspira novas gerações e reforça valores como disciplina, superação e excelência.

Daly também relatou momentos de frustração, como a lesão nas Olimpíadas de 2000, que a deixou fora de alguns jogos, e a vivência em um clube onde foi vítima de abuso moral por parte da direção. Considera essa experiência dolorosa, mas afirma ter extraído dela aprendizado e força para seguir adiante. Destaca que resiliência, disciplina, equilíbrio emocional e prazer pelo que se faz são habilidades fundamentais para se manter no alto rendimento.

Por fim, Daly afirmou que não imaginava seguir outra carreira que não fosse a de atleta, desde que conheceu o handebol na escola. Sua trajetória evoluiu naturalmente até que, ao fim da carreira esportiva, conseguiu fazer uma transição bem-sucedida para a educação, mantendo-se ligada ao esporte com entusiasmo e paixão.



Timeline Daly

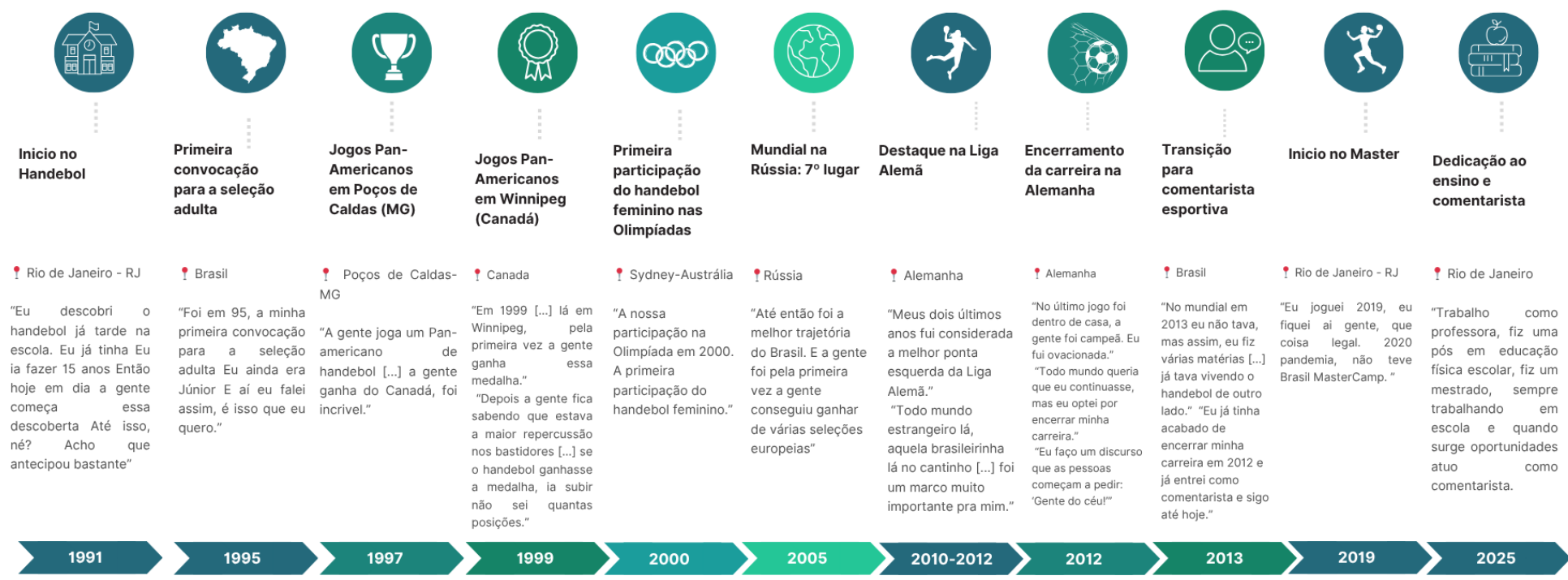


Figura 10: Timeline atleta Daly

7. 2. 2. Dara Diniz

Fabiana Carvalho Carneiro Diniz, conhecida como Dara no esporte, nasceu em Guaratinguetá (SP) em 13 de maio de 1981. Como pivô, teve uma carreira exemplar na seleção brasileira feminina, sendo capitã por quase dez anos. Dara começou no handebol aos 12, incentivada por uma professora, e aos 14 já jogava no time adulto local. Sua jornada internacional levou-a a clubes em Portugal, Espanha e Áustria, como o Hypo Niederösterreich, um gigante europeu.

Participou de quatro Olimpíadas (Atenas 2004, Pequim 2008, Londres 2012 e Rio 2016) e ganhou o ouro inédito no Mundial de 2013, na Sérvia. Dara também ostenta três ouros nos Jogos Pan-Americanos (2003, 2007 e 2011). Hoje, vive seu sonho em contato com a natureza, gerenciando uma pousada no litoral de Alagoas, mostrando uma transição suave e bem planejada após o esporte.

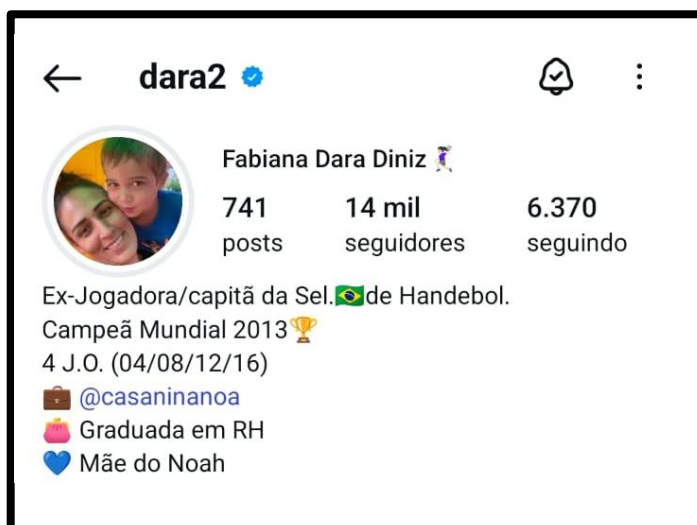


Figura 11: Perfil no Instagram da atleta Dara

Dara Diniz é ex-atleta da Seleção Brasileira de Handebol, campeã mundial, que construiu uma carreira sólida no esporte antes de se dedicar à maternidade e a novos rumos profissionais. Após encerrar sua trajetória na seleção em 2016, tornou-se mãe no ano seguinte, o que representou sua maior transição de vida. Durante esse período, concluiu a graduação em Recursos Humanos em 2022 e realizou um curso de personal trainer e monitor de academia na Espanha, em 2024, onde reside atualmente.

Hoje, atua como personal trainer, trabalhando com pessoas da terceira idade e iniciantes na prática esportiva, além de administrar à distância um empreendimento de hospedagem no Brasil.

Dara rejeita o termo “aposentadoria” para se referir ao fim da carreira de atleta, argumentando que, no Brasil, esportistas profissionais não contam com um sistema formal de aposentadoria como em outras profissões. Assim, entende que parou de jogar, mas não se aposentou nos termos legais. Sua visão sobre a transição pós-carreira revela um senso crítico sobre a precariedade da estrutura esportiva nacional para atletas que encerram seus ciclos nas quadras.

No campo das redes sociais, Dara se define como usuária ativa, embora não tenha o perfil de influenciadora tradicional. Apesar de já ter sido bastante engajada em plataformas como Orkut e Facebook, hoje utiliza principalmente o Instagram. Ela relata que não sente necessidade de postar todos os dias e prefere uma relação mais espontânea com a plataforma. Um exemplo marcante foi durante a pandemia, quando iniciou um projeto pessoal no qual contabilizava seus treinos e motivava outras pessoas a fazerem o mesmo. O desafio, que tinha como meta realizar 300 treinos no ano, gerou uma rede colaborativa com cerca de 40 pessoas de diferentes regiões do Brasil.

Dara acredita que sua carreira esportiva impactou o reconhecimento nas redes sociais, especialmente após a conquista do Mundial de 2013. No auge da visibilidade, chegou a ter mais de 70 mil seguidores no Facebook. No entanto, compara esse crescimento ao das novas gerações de atletas, cujos engajamentos digitais se tornam massivos após boas atuações em competições específicas. Ainda assim, destaca que sua visibilidade está concentrada principalmente entre fãs do handebol.

Atualmente, suas postagens abordam treinos pessoais, atividade física e a rotina com seu filho, também atleta. Ela busca influenciar positivamente seus seguidores, destacando o papel do esporte na vida das pessoas. Apesar de não se considerar influenciadora digital, reconhece que qualquer pessoa com audiência exerce influência, e por isso se preocupa com o conteúdo que compartilha. Dara evita polêmicas e raramente sofre ataques virtuais, em parte porque seu público é majoritariamente ligado ao esporte.

Durante sua carreira, Dara contou com o suporte do canal Esporte Interativo, que, durante o Mundial de 2011, gerenciou suas redes sociais e de outras atletas

selecionadas. Essa parceria contribuiu para o aumento da visibilidade e impulsionou o engajamento com o público. Após sua carreira, participou de ações pontuais, como a campanha da Roku em 2022, que exigia produção regular de conteúdo. Embora reconheça os benefícios financeiros, relatou que a experiência foi estressante e pouco prazerosa, o que a afastou de novas parcerias. Ainda assim, é procurada para palestras e eventos, especialmente em escolas, o que considera importante para divulgar o handebol e inspirar jovens. Atualmente, porém, morar fora do Brasil dificulta sua participação nesses eventos presenciais.

Dara vê nas redes sociais uma das maiores conquistas para a visibilidade do esporte feminino. Elas permitem que as atletas criem suas próprias vitrines e quebrem barreiras impostas pela mídia tradicional. No entanto, lamenta a desigualdade persistente entre homens e mulheres em termos de patrocínio, reconhecimento e visibilidade. Para ela, a desconstrução de estereótipos começa na infância, por meio de políticas públicas que unam esporte e educação. Cita, como exemplo, um experimento com crianças, no qual a maioria desenhou figuras masculinas para profissões como bombeiro, médico e astronauta, evidenciando o impacto da cultura na formação de valores.

Em sua trajetória, os principais marcos ocorreram de forma progressiva. Iniciou no esporte aos 10 anos, migrando do basquete para o handebol. Aos 14, em 1995, deixou sua cidade natal para atuar em clubes maiores. Em 1999, foi convocada pela primeira vez para a seleção júnior, participando de Pan-Americanos, Sul-Americanos e Mundiais. Em 2001, passou a integrar a seleção adulta, iniciando o ciclo olímpico de Atenas. Em 2004, transferiu-se para a Europa e iniciou sua carreira internacional. Dara considera essa progressão importante para sua formação e adaptação, pois evitou frustrações e fortaleceu sua base como atleta. Foi capitã da equipe campeã mundial em 2013, título que considera o maior da carreira.

Entre os principais desafios, cita a distância da família e as dificuldades emocionais em lidar com derrotas marcantes. As eliminações nas quartas de final nas Olimpíadas de Londres (2012) e do Rio (2016) foram especialmente frustrantes, principalmente por já ter anunciado sua despedida antes dos Jogos do Rio. Essa eliminação simbolizou o fim de sua trajetória como atleta de elite, embora o título de 2013 tenha ressignificado parte dessas experiências negativas.

Dara nunca sofreu discriminação de gênero explícita, nem mesmo quando atuou na Alemanha, Áustria e França. No entanto, reconhece que sua experiência não é representativa de todas as atletas, que muitas vezes enfrentam desafios culturais e estruturais mais intensos.

]Sua maior inspiração foi a mãe, que sempre a incentivou no esporte. Embora admire figuras como a ex-atleta Zezé, considera a figura materna como a mais marcante em sua formação. Dara defende a valorização das mulheres pioneiras no esporte, cujo legado ainda é pouco reconhecido.

Para ela, a principal característica de um atleta de alto rendimento é a força mental. Acredita que a disciplina, o foco e a entrega mesmo em dias difíceis são essenciais para manter a performance ao longo do tempo.

Entre os momentos mais difíceis, destaca a mudança para o exterior e as eliminações em competições decisivas, como o Mundial de 2011 e os Jogos Olímpicos de Londres e do Rio. A derrota de 2016, em especial, teve grande impacto emocional, pois marcava sua despedida da seleção e vinha acompanhada de uma grande expectativa pela conquista de uma medalha em casa.

Apesar das dificuldades, Dara afirma que o título mundial de 2013 ressignificou muitas frustrações anteriores. Quando criança, sonhava em ser médica, talvez influenciada pela mãe enfermeira, mas logo percebeu que não tinha afinidade com a área da saúde e encontrou no esporte sua verdadeira vocação. Ela avalia sua trajetória com gratidão e orgulho, consciente de que sua história já inspira outras mulheres a seguirem no caminho do esporte.

Timeline Dara

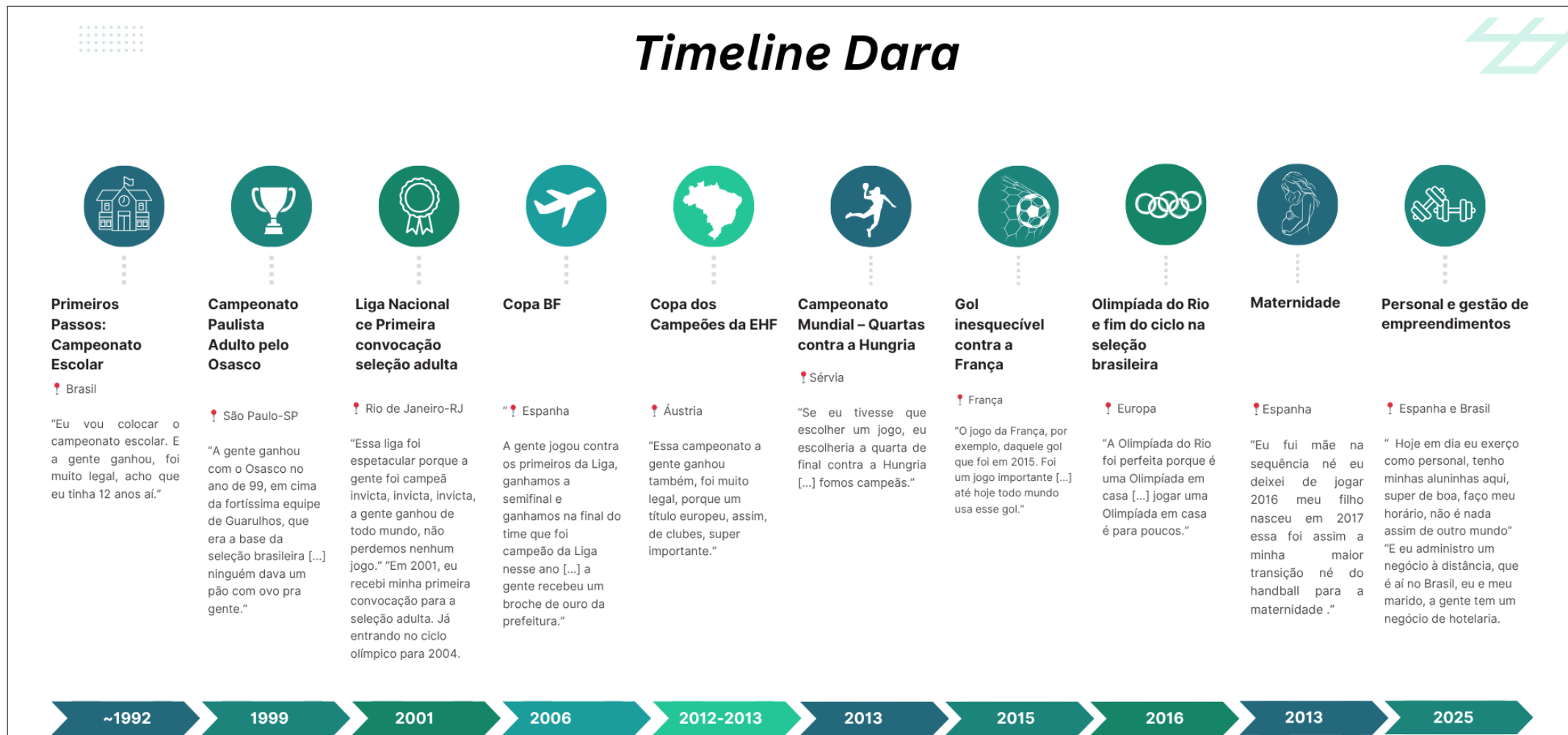


Figura 12: Timeline atleta Dara.

7. 2. 3. Kelly Rosa

Kelly de Abreu Rosa, nascida em 25 de janeiro de 2004 no Lago Sul (DF), cresceu entre Sobradinho (DF) e Caldas Novas (GO). Jogando como armadora esquerda, ela representa a nova cara do handebol brasileiro. Sua trajetória começou no Colégio Ágape, onde se destacou em torneios. Mudou-se para Jundiaí (SP), evoluindo nas categorias de base, e depois brilhou no Esporte Clube Pinheiros. Aos 18 anos, foi para a Europa, jogando no Sporting La Rioja e no Elche, ambos na Espanha. Kelly foi campeã nos Jogos Pan-Americanos de Santiago em 2023 e disputou o Mundial de 2023. Convocada para Paris 2024, é uma grande promessa. Sua inteligência tática, leitura de jogo, arremessos precisos e maturidade impressionam, apesar da pouca idade.

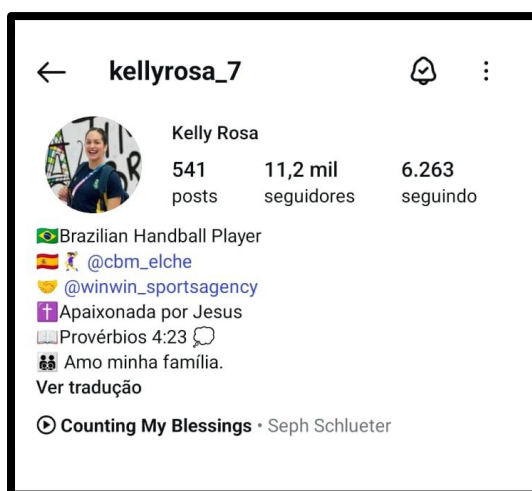


Figura 13: Perfil no Instagram da atleta Kelly Rosa

Em nossa entrevista, Kelly Rosa destacou que está no final da temporada europeia, com planos de retornar ao Brasil para as férias e se preparar para integrar a Seleção Brasileira na próxima competição, na Hungria. Além dos treinos, dedica-se a atividades pessoais, como tirar a carteira de motorista, e acompanha as mudanças climáticas da primavera europeia.

Ativa no Instagram desde 2014 ou 2015, Kelly considera as redes sociais essenciais para sua imagem pública e profissional, funcionando como um "currículo

digital" que já lhe proporcionou convites para integrar equipes, sendo a principal maneira de ter visibilidade. Ela observa um aumento expressivo no número de seguidores durante competições, como as Olimpíadas, quando conquistou cerca de seis mil novos seguidores em uma semana.

Sua estratégia nas redes combina conteúdos pessoais, como sua fé cristã e momentos familiares, com publicações profissionais, relacionadas a vídeos, resultados e convocatórias. Kelly gerencia pessoalmente seus perfis, ajustando os horários de postagem conforme o fuso brasileiro e priorizando conteúdos de eventos esportivos importantes, principalmente competições, deixando as postagens para esse cenário.

Ela destaca o papel das redes sociais na promoção do handebol no Brasil, ainda com pouca visibilidade, e como já recebeu convites para eventos, palestras, patrocínios e propostas de emprego por conta do seu engajamento nas redes sociais. Apesar do patrocínio do clube para uniformes e equipamentos, atualmente não possui patrocínio direto de empresas. Destaca que é necessário respeitar rigorosamente cláusulas contratuais sobre marcas que patrocinam o time atual.

Kelly também recebe mensagens de professores pedindo apoio para incentivar jovens atletas e, durante a pandemia, gravou vídeos motivacionais, reforçando seu papel social. Para ela, as redes sociais ajudam a promover o esporte feminino e a desconstruir estereótipos, relatando a importância de as atletas publicarem sobre suas rotinas e jogos. Ela cita como exemplo o tio, que, embora não acompanhe o handebol, segue de perto sua trajetória.

Ela valoriza avanços na cobertura esportiva, como a transmissão completa da Supercopa Brasil, que fortalece o handebol feminino. Kelly considera equilibrada a comunicação da Confederação Brasileira de Handebol entre as equipes masculina e feminina, embora reconheça desafios organizacionais. Quanto às diferenças salariais, acredita que existam, principalmente em ligas estrangeiras, como a espanhola, onde a liga masculina tem mais prestígio e disputa torneios como a Champions League. O salário maior do time masculino seria baseado na maior representatividade e presença em campeonatos mais relevantes.

Kelly nunca vivenciou discriminação por ser mulher no esporte e integra um clube espanhol que prioriza o time feminino em treinos e no uso das instalações. Ela acredita que o fortalecimento do handebol feminino depende de mais divulgação e de

patrocinadores fortes, como Banco do Brasil e Correios, ressaltando que a maioria das atletas brasileiras atua no exterior, o que dificulta o acompanhamento pelo público nacional.

A atleta recebe apoio governamental pela Bolsa Atleta desde 2020, após conquistar títulos pelo Esporte Clube Pinheiros. Sua trajetória começou em 2013, incentivada pelo pai, professor e ex-jogador de handebol. Após se destacar em competições escolares, participou de uma seletiva na Metodista, em 2015, com apenas 11 anos, sendo aprovada, embora apenas para os jogos, sem integrar os treinos devido à idade.

Em 2017, mudou-se com a família para Jundiaí, onde ingressou em sua primeira equipe oficial. Foi convocada para a Seleção Brasileira de base em 2022, disputando o Campeonato Sul-Centro-Americano e o Mundial Juvenil. Em 2023, estreou na Seleção adulta, participando do Mundial na Dinamarca e, como suplente, do Pan-Americano em Santiago.

Realizou o sonho de atuar na Europa em janeiro de 2023, integrando a equipe de Logronho, na Espanha, e, após cinco meses, transferiu-se para o Elche, onde permanece. Kelly percebe diferenças culturais entre Brasil e Europa: enquanto seus seguidores são majoritariamente brasileiros, o público europeu é mais presente fisicamente nas competições, sendo a Europa muito forte em relação à torcida para o handebol.

Ela reconhece como figuras inspiradoras o pai, a mãe e o irmão, que tiveram um papel decisivo em sua trajetória, fazendo sacrifícios importantes, como mudar de cidade e renunciar a empregos para apoiá-la. Entre os momentos mais desafiadores, cita a mudança para Jundiaí, em 2016, em meio a dificuldades financeiras, e sua lesão no ombro no final de 2023, que quase a afastou da fase pré-olímpica e dos Jogos Olímpicos. Apesar da recomendação médica de cirurgia, optou por um processo intensivo de reabilitação, conseguindo participar das competições e realizar um dos maiores sonhos da carreira.

Kelly vê sua trajetória como inspiração para outras mulheres e jovens atletas, que frequentemente a procuram em busca de orientações sobre como ingressar no esporte de alto rendimento. O maior desafio pessoal é o afastamento familiar, exemplificado por ocasiões em que não pôde participar de celebrações importantes e, após sua lesão, precisou realizar tratamento no Brasil, longe da família.

Para manter-se como atleta de elite, Kelly acredita ser essencial ir além dos treinos regulares, trabalhando intensamente nas suas deficiências técnicas. Entre as maiores frustrações, destaca: a eliminação na Copa da Rainha, em 2023, nos arremessos de sete metros; a impossibilidade de participar do Mundial Escolar de 2020, adiado pela pandemia; e as limitações causadas pela sua lesão.

Por fim, Kelly afirma que sempre teve clareza de que sua prioridade seria o handebol, mas pretende concluir sua graduação em Educação Física, iniciada em 2021 e atualmente trancada devido à sua transferência para a Europa, como complemento à sua carreira esportiva.

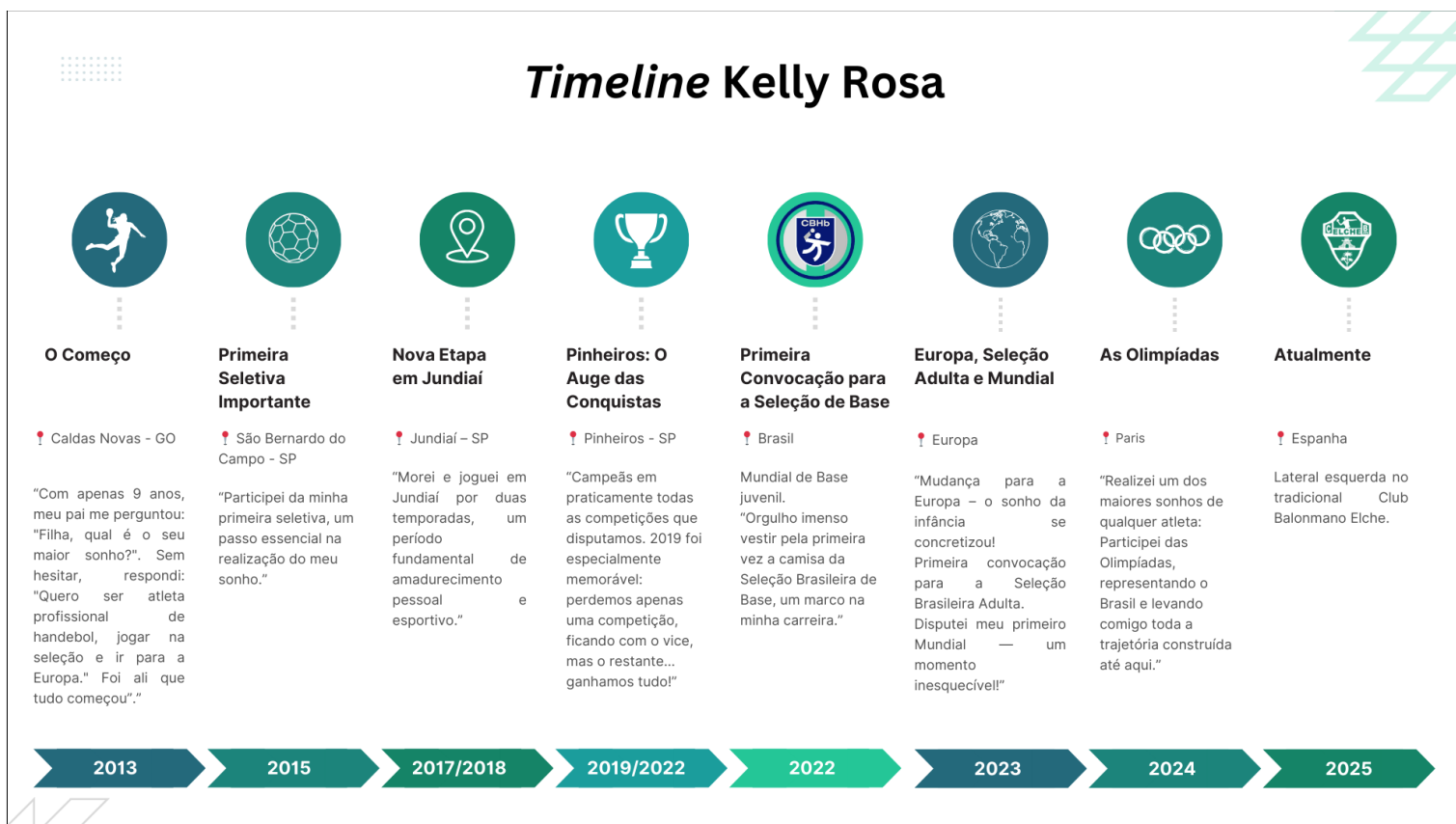


Figura 14: Timeline atleta Kelly Rosa

7. 2. 4. Lucila Vianna

Lucila Vianna da Silva veio ao mundo em Nova Iguaçu, RJ, no dia 7 de março de 1976. Jogando como armadora, foi figura chave na geração que impulsionou o

handebol feminino do Brasil nos anos 2000. Desde a adolescência, Lucila se dedicou ao handebol, influenciada pelas irmãs. Em 1997, estreou na seleção, marcando presença em três Olimpíadas: Sydney 2000, Atenas 2004 e Pequim 2008. Em Atenas, como capitã, foi a terceira maior artilheira com 24 gols. Conquistou três ouros nos Jogos Pan-Americanos e vestiu a camisa do país em vários Mundiais. É casada com Maik Ferreira dos Santos, ex-goleiro da seleção masculina, um casal icônico no handebol nacional.



Figura 15: Perfil no Instagram da atleta Lucila

A ex-jogadora da Seleção Brasileira de Handebol possui uma trajetória extensa e multifacetada dentro da modalidade. Atualmente, vive em Olinda (PE), onde trabalha na sede da Confederação Brasileira de Handebol e também atua como professora. Desde que se aposentou como atleta, em 2010, passou a colaborar com a Confederação em diferentes funções, especialmente na organização de eventos, entrevistas e no comitê de mulheres, mantendo-se envolvida diretamente com o esporte.

Sua relação com as redes sociais sempre foi discreta. Lucila admite que utiliza pouco as plataformas digitais, preferindo um uso mais reservado e profissional, mas relata que muitas pessoas que a seguem vieram por conta do handebol e de tudo que ela já proporcionou à Seleção e à Confederação. Embora tenha consciência do potencial das redes para a visibilidade do esporte, especialmente para as mulheres, opta por limitar suas postagens a eventos, conquistas profissionais ou momentos pessoais pontuais. Seu perfil no Instagram é voltado principalmente para o registro de marcos relevantes na carreira e momentos em família, especialmente com suas filhas.

Durante o auge de sua carreira como atleta, as redes sociais ainda não tinham a força atual. O principal canal de comunicação era o Orkut, e a divulgação de eventos

esportivos se dava, sobretudo, por meio de revistas, calendários, jornais impressos e e-mails. Lucila destaca que eventos maiores sempre geraram maior procura por suas redes sociais, o que aumentava seu número de seguidores.

A ex-atleta recorda que a explosão das redes ocorreu já no fim de sua trajetória como jogadora, entre 2007 e 2010, período em que começou a perceber maior engajamento online, principalmente após o Pan-Americano no Rio de Janeiro em 2007. Foi nesse contexto que conquistou seu primeiro patrocínio individual, com a Adidas, permanecendo com a marca até sua aposentadoria, graças à visibilidade conquistada nas redes e ao destaque em competições internacionais. Os patrocinadores não restringiam o tipo de publicações, exigindo apenas que não fossem postadas imagens com cigarros ou bebidas alcoólicas.

Lucila entende que, se as redes sociais tivessem o alcance de hoje durante sua carreira, teria tido muito mais oportunidades, tanto de patrocínio quanto de visibilidade pública. Mesmo assim, sua imagem como atleta disciplinada e comprometida foi construída com base em seus próprios esforços e, ocasionalmente, com o auxílio do marido, também atleta da Seleção Brasileira, que cuidava de algumas postagens e auxiliava na divulgação de rotinas de treino e eventos importantes.

Ela percebe um crescimento expressivo no engajamento quando compartilha momentos ao lado do marido ou conteúdos relacionados à atividade física, mesmo após ter deixado as quadras. Considera importante mostrar que, mesmo aposentada, mantém hábitos saudáveis e continua se exercitando, o que, segundo ela, gera identificação com o público. No entanto, por trabalhar com menores de idade e em funções de bastidores, evita expor excessivamente sua rotina atual nas redes sociais.

Lucila defende que as redes sociais se tornaram essenciais para os atletas contemporâneos, tanto para divulgação quanto para busca de oportunidades em clubes e patrocínios. Contudo, alerta sobre os riscos da exposição excessiva e da falta de profissionalismo em postagens, que podem prejudicar a imagem do atleta.

Ao longo da carreira, Lucila enfrentou diversos desafios como mulher no esporte, especialmente na gestão esportiva. Em sua entrada na Confederação, deparou-se com um ambiente dominado por homens, onde mulheres não ocupavam cargos de liderança. Com esforço e qualificação, formou-se em Educação Física e, mais recentemente, concluiu uma graduação em Gestão de Alto Rendimento. Após seis anos na mesma função, conseguiu ascender ao cargo de diretora de competições,

ao lado de outras mulheres que também conquistaram espaços em posições importantes, como a vice-presidência.

Ela acredita que a visibilidade da mulher no esporte melhorou significativamente com o advento das redes sociais. A presença feminina em eventos e campanhas se tornou mais comum, e a imagem da mulher atleta passou a ser valorizada não apenas por atributos estéticos ou desempenho esportivo, mas também por força, resiliência e representatividade, aspectos antes menos reconhecidos. Lucila participa ativamente do Comitê de Mulheres da Confederação e da Confederação Sul-Centro-Americana, atuando para ampliar a presença feminina nos espaços de decisão e representação institucional.

Destaca que, atualmente, postagens sobre a Seleção Feminina de Handebol geram mais engajamento do que as da equipe masculina, algo que há cinco anos não ocorria, dado o preconceito enfrentado pelas mulheres em um país onde o esporte sempre foi associado aos homens.

Sobre políticas públicas, Lucila defende que o caminho mais sustentável para o fortalecimento da mulher no esporte passa pela capacitação e profissionalização. Embora considere importantes as medidas afirmativas, defende que as mulheres devem ocupar espaços por mérito, com competência técnica e intelectual, criando seus próprios espaços e não apenas ocupando os que lhes são cedidos. Destaca ainda que recebeu Bolsa Atleta durante o período de competições.

Sua trajetória esportiva começou em condições desafiadoras. Oriunda de uma família com oito irmãos e sem condições financeiras, conquistou uma bolsa de estudos em uma escola particular aos 14 anos, o que marcou sua entrada no esporte de alto rendimento. Foi convocada pela primeira vez para a Seleção Brasileira Júnior em 1993, com apenas 17 anos, e passou a integrar a equipe adulta no ano seguinte, permanecendo por 16 anos na seleção, dos quais dez como capitã. Sua primeira experiência internacional foi na Espanha, em 2000, onde permaneceu por três anos. Ela relata a diferença de tratamento entre Brasil e Europa, destacando que o handebol era tratado na Espanha com o mesmo prestígio que o futebol no Brasil, com cobertura da mídia e reconhecimento nas ruas.

Lucila aponta como figuras inspiradoras suas irmãs, que observava jogar desde pequena, e o jogador Ivan Bruno Maziero, conhecido como Macarrão. Destaca como maiores conquistas da carreira as participações em Mundiais, Jogos Pan-Americanos

e Olimpíadas, além da influência positiva que exerceu sobre outras atletas. Em 2007, foi convidada para compor a bancada do evento Criança Esperança. Reconhece que se tornou uma inspiração para muitas meninas, não apenas pelo que realizou em quadra, mas também pelas orientações que ofereceu fora dela. Sempre incentivou colegas a poupar recursos, investir na carreira e se planejar para o futuro, impactando positivamente a vida de várias atletas.

Momentos de frustração também marcaram sua jornada. Em 2003, uma lesão grave quase a afastou do esporte, após diagnóstico médico indicando que não poderia mais jogar profissionalmente. Lucila, contudo, retornou às quadras e permaneceu na seleção por mais sete anos. Outro momento difícil foi a desvalorização por parte de clubes, mesmo após conquistas expressivas, como quando sua equipe em Guarulhos foi desfeita após uma sequência de títulos nacionais.

Lucila considera que os maiores sacrifícios da carreira foram a distância da família, as dificuldades para manter relacionamentos afetivos e o adiamento do sonho da maternidade. Por temer que a gravidez encerrasse sua trajetória como atleta, optou por ser mãe apenas após se aposentar, aos 36 anos. Assim, teve sua filha no ano seguinte à sua despedida das quadras.

Para ela, as principais qualidades de um atleta de elite são a disciplina, o cuidado com o corpo e a consciência de que a carreira esportiva é passageira. Considera que sua vivência no handebol foi transformadora, moldando sua vida pessoal e profissional. Lucila sempre quis ser professora, profissão que também exerce atualmente. Formou-se em Educação Física em 1999 e, posteriormente, concluiu a graduação em Gestão de Alto Rendimento em 2022. Hoje, além de gestora, professora e mãe, continua atuando em prol do esporte, determinada a abrir caminhos para outras mulheres e fortalecer a representatividade feminina no handebol brasileiro e internacional.

Timeline Lucila



Figura 16: Timeline Atleta Lucila.

7. 2. 5. May Fier

Mayara Fier de Moura, ou May Fier, nasceu em Arapongas, PR, em 5 de dezembro de 1986. Filha de técnica e ex-jogadora de handebol, cresceu no esporte, atuando como armadora. Aos 9 anos, iniciou sua trajetória em Marialva (PR), brilhando nas categorias de base. Antes de jogar na Europa, foi bicampeã pan-americana júnior. Defendeu Cleba León (Espanha), Mios Biganos (França) e Hypo NÖ (Áustria), onde conquistou títulos com outras brasileiras. Pela seleção, ganhou ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2011, disputou as Olimpíadas de Londres 2012 e Rio 2016, e foi essencial no Mundial de 2013. Fora das quadras, May Fier se formou em Estética e Cosmética, cursando Fisioterapia, mostrando seu interesse em saúde e bem-estar após a carreira.



Figura 167: Perfil no Instagram da atleta Mayara.

A ex-atleta da seleção brasileira de handebol, atualmente, não está mais em atividade como jogadora, encerrando sua carreira no final de 2024. Desde então, dedica-se exclusivamente à atuação como esteticista, profissão para a qual se formou em 2019, e trabalha em uma clínica desde 2020. Embora tenha uma sólida trajetória esportiva, Mayara sempre buscou manter um equilíbrio entre sua vida esportiva e sua formação acadêmica, consciente de que a carreira no esporte de alto rendimento é curta e exige preparo para a transição profissional.

Durante sua carreira, Mayara sempre foi adepta a redes sociais, sendo a que mais utiliza o Instagram e TikTok, porém, nunca utilizou as redes sociais como

ferramenta estratégica de visibilidade ou profissionalização. Ainda que sempre tenha mantido seus perfis ativos, seu uso foi predominantemente pessoal, com postagens voltadas a aspectos do cotidiano, mensagens positivas, humor e experiências que considerava inspiradoras para outras pessoas, e em épocas de jogos direcionava um pouco as postagens à rotina de jogos e pessoas próximas ao ciclo. Mesmo assim, ela reconhece que, nos períodos de maior visibilidade esportiva, como quando participou de competições internacionais com a seleção brasileira, houve um crescimento expressivo de seguidores, especialmente no Facebook, que era a principal plataforma utilizada na época, mas que era uma repercussão momentânea, cessando depois dos campeonatos até se iniciar o próximo.

Sua relação com o público nas redes se intensificava com um maior engajamento em momentos referentes ao handebol ou questões mais pessoais. Um exemplo foi o anúncio de sua saída do Esporte Clube Pinheiros, que gerou grande repercussão em suas postagens. Em termos de estratégia digital, ela sempre gerenciou pessoalmente suas redes sociais, tanto na época em que atuava como atleta quanto agora, com seu perfil profissional voltado à estética. Atualmente, mantém duas contas no Instagram: uma pessoal, com conteúdos mais amplos, e outra profissional, dedicada à área da estética.

Mayara acredita que a comunicação digital se tornou uma ferramenta indispensável não apenas para atletas, mas para qualquer profissional que deseje ampliar sua visibilidade e oportunidades. Embora nunca tenha recebido patrocínio individual por meio das redes, reconhece a importância de figuras públicas femininas no esporte como referências para promover a igualdade de gênero, combater estereótipos e gerar identificação com o público.

Ela destaca a importância de mulheres em evidência, especialmente em eventos como as Olimpíadas, onde o protagonismo feminino, como nos casos de Rebeca Andrade e Beatriz Ferreira, contribui para ampliar o espaço e o respeito pelo esporte feminino. Contudo, reconhece que ainda existe desigualdade de oportunidades, reconhecimento e visibilidade entre atletas homens e mulheres, inclusive no próprio handebol. Mas ressalta que nunca chegou a enfrentar desafios específicos direcionados a ela por ser mulher na modalidade.

A ex-atleta ressalta que as mulheres precisam desenvolver mais, batalhar e buscar estar em locais de poder na modalidade. Em sua época de jogadora, recebia o incentivo governamental da Bolsa Atleta.

Mayara iniciou no esporte muito cedo, influenciada por sua família, profundamente ligada ao handebol. Seu pai foi técnico da mãe e também seu primeiro treinador, além de treinador de seus irmãos. Esse ambiente esportivo familiar foi decisivo para que ela se apaixonasse pela modalidade. Começou a treinar com seriedade aos oito anos de idade e teve sua primeira convocação para a seleção brasileira juvenil em 2001. Sua estreia na equipe adulta ocorreu em 2007, e sua primeira experiência internacional foi na Espanha, em 2009.

Segundo a atleta, os valores que moldaram sua carreira vieram da formação recebida na infância e adolescência, quando seu pai, como técnico, insistia na importância de ser bom não apenas como atleta, mas também como estudante e cidadão. Esses ensinamentos fizeram parte da base que sustentou sua disciplina, dedicação e responsabilidade durante toda a carreira. Os momentos mais difíceis, no entanto, foram as sucessivas lesões, quatro cirurgias no joelho e uma no ombro, que a afastaram por longos períodos das quadras e afetaram seu equilíbrio emocional.

Outro desafio marcante foi o início da carreira internacional. Aos 15 anos, Mayara precisou sair de casa para jogar em outro estado, vivendo longe da família e perdendo datas e momentos importantes. Na Europa, teve que lidar com as barreiras culturais e linguísticas, o que dificultou a adaptação. No entanto, o reconhecimento e o carinho do público europeu pela modalidade e pelas atletas são enormes, especialmente em cidades pequenas onde o handebol tem grande relevância cultural. Ela conta que jogou em uma cidade francesa com apenas sete mil habitantes, onde os torcedores eram extremamente engajados, acompanhando até jogos fora do país.

Do ponto de vista da visibilidade nas redes sociais, Mayara observa que o impacto foi maior nos tempos de seleção brasileira, enquanto na Europa o uso das mídias sociais era menos expressivo do que no Brasil. Segundo ela, os brasileiros são mais conectados a plataformas como Instagram e TikTok, enquanto em muitos lugares da Europa, o Facebook ainda é mais utilizado.

Em termos de conquistas, Mayara orgulha-se profundamente da trajetória como atleta, especialmente por ter realizado o sonho de jogar pela seleção brasileira e na Europa. Ela valoriza não apenas os títulos e vitórias, mas também as oportunidades

que o handebol proporcionou: bolsas de estudo em escolas particulares, formação acadêmica, fluência em línguas estrangeiras e amizades espalhadas pelo mundo. Para ela, o esporte transmite valores essenciais, como disciplina, comprometimento, respeito e resiliência, que se aplicam tanto na vida pessoal quanto no mercado de trabalho. E destaca que, para que um atleta se mantenha de alto rendimento por um tempo prolongado, é necessário um pilar mental e físico. Cada pessoa tem um ponto mais forte, devendo trabalhar os demais.

Mayara possui como figuras inspiradoras o seu pai e a família. Acredita que sua trajetória pode servir de inspiração para outras mulheres que desejam seguir no esporte. O contato com atletas mais velhas quando era criança foi determinante para ela, e reconhece que, hoje, as redes sociais ampliam essa possibilidade de inspiração mesmo à distância. Embora tenha enfrentado frustrações, como derrotas marcantes nas Olimpíadas de Londres e do Rio de Janeiro, quando o Brasil foi eliminado nas quartas de final, e a ausência de maior visibilidade para o handebol no país, Mayara vê sua carreira com gratidão e orgulho. Ela acreditava que, após o título de campeãs mundiais, esse cenário iria melhorar, o que não se concretizou.

Sua transição de carreira foi cuidadosamente planejada. Desde jovem, sabia que o handebol não seria uma ocupação para a vida toda. Por orientação do pai e por iniciativa própria, conciliou os estudos com o esporte. Inicialmente, iniciou o curso de fisioterapia, mas ao ir para a Europa precisou interrompê-lo. Lá, fez cursos técnicos de massagem e, ao retornar ao Brasil, optou por uma nova graduação em Estética e Cosmética, área pela qual se apaixonou. Hoje, mesmo enfrentando desafios estruturais na profissão, como a ausência de um conselho próprio e a competição com outras áreas, sente-se realizada com sua escolha e preparada para os desafios, trazendo consigo a bagagem e os valores construídos no esporte.

Timeline Mayara



Figura 178: Timeline atleta Mayara.

7. 2. 6. Naira Almeida

Naira Morgana Mendes de Almeida nasceu em 6 de agosto de 1993. Goleira de destaque, brilhou em clubes do Brasil e do exterior. Na Europa, defendeu o Luventa Michalovce (Eslováquia) e atualmente joga no Szombathelyi KKA, da Hungria. No Brasil, atuou por EC Pinheiros e Santo André. Com 1,79m de altura e reflexos rápidos, tornou-se uma das goleiras mais promissoras da nova geração. Convocada para a seleção, participou de jogos internacionais, liderando e transmitindo segurança no gol. Atualmente em atividade, é uma referência na posição.

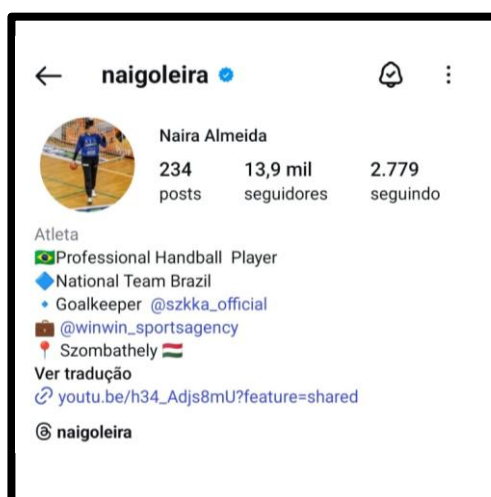


Figura 189: Perfil no Instagram da atleta Naira

A atleta Naira atualmente joga profissionalmente na Hungria, em uma das ligas mais competitivas do mundo. Essa é sua primeira temporada no país, após uma trajetória que inclui passagem pela Eslováquia e longa atuação em clubes brasileiros. Com formação em Tecnologia da Informação (TI), ela decidiu se dedicar exclusivamente ao handebol ao se mudar para a Europa, focando integralmente em sua carreira esportiva, o que marca uma virada importante em sua trajetória.

Em relação ao uso das redes sociais, Naira se considera bastante ativa, especialmente no Instagram, onde mantém um perfil verificado com cerca de 14 mil seguidores. Ela utiliza essa plataforma como meio estratégico de divulgação do seu trabalho, postando principalmente conteúdos relacionados à sua vida profissional, como chamadas para jogos, vídeos de defesas e imagens das partidas. Embora

mantenha uma postura reservada quanto à sua vida pessoal, percebe que postagens mais íntimas, como fotos com a namorada, geram maior engajamento, revelando o interesse do público também por esse aspecto de sua vida. No entanto, ela equilibra esse tipo de conteúdo com postagens motivacionais e registros de seus desempenhos em quadra.

A trajetória esportiva de Naira influencia significativamente sua visibilidade nas redes, obtendo sempre um crescimento de seguidores próximo ou após jogos ou momentos importantes com seu clube ou com a seleção brasileira. Ela relata que, após começar a jogar na Europa entre 2020 e 2021 e publicar seus próprios vídeos com defesas em jogos, houve um crescimento expressivo no número de seguidores. Um exemplo foi um vídeo de defesa que alcançou 10 mil visualizações e resultou no aumento de 8 mil para 13 mil seguidores.

Naira aprendeu a editar seus próprios vídeos e publica com frequência conteúdos relacionados aos jogos. Ela não utiliza hashtags, pois acredita que o perfil verificado já garante uma boa entrega dos conteúdos. Além disso, adapta seus horários de postagem ao fuso horário brasileiro, priorizando os momentos em que seu público está mais ativo, como o horário de almoço ou o final da noite no Brasil. Sobre os jogos, sempre gosta de divulgar um dia antes e, um dia depois, faz os recortes de alguns momentos para publicar.

Segundo Naira, a comunicação digital tornou-se essencial para os atletas. Ela destaca que, há dez anos, o handebol não tinha a visibilidade atual e que hoje, através das redes sociais, é possível acompanhar a carreira de outras atletas, acessar conteúdos de jogos e treinos e estabelecer conexões que antes eram difíceis. O impacto das mídias sociais também se reflete em como os clubes e a modalidade como um todo são divulgados, o que contribui para a valorização do handebol feminino. Naira acredita que, atualmente, o handebol feminino no Brasil possui mais destaque do que o masculino, em razão dos resultados expressivos, como o título mundial conquistado pela seleção feminina.

Embora tenha recebido propostas de patrocínio através das redes sociais a partir de 2022, Naira optou por não aceitá-las, pois valoriza sua autonomia sobre os produtos que consome. Ela explica que prefere comprar seus próprios materiais e evitar contratos que a obriguem a divulgar marcas com as quais não se identifica. Na seleção brasileira, não há imposição sobre o uso de marcas específicas e cada atleta

é livre para manter seus acordos individuais. Essa autonomia também se estende à forma como cada uma gerencia sua imagem nas redes.

Quando questionada sobre o impacto das redes sociais na visibilidade da mulher no esporte, Naira enfatiza que houve avanços importantes. Ela menciona, por exemplo, que alguns clubes já oferecem em seus contratos licença maternidade. Segundo ela, as mídias digitais têm contribuído para a quebra de estereótipos e para o fortalecimento da imagem da mulher como profissional do esporte. Destaca que as mulheres vêm se provando em diversas modalidades e que essa exposição tem ampliado o reconhecimento e o apoio público.

Ela ressalta que a mídia ajuda a romper com a visão de que as mulheres são vítimas e afirma que elas apenas desejam ocupar o seu espaço, tendo total capacidade e qualidade para isso. Destaca também que o handebol feminino possui mais destaque que o handebol masculino, embora algumas competições masculinas no Brasil ainda tenham mais público do que as femininas, cenário que se inverte na Europa.

Além disso, considera fundamental uma cobertura mais constante do esporte feminino, não apenas durante grandes eventos, mas ao longo de toda a temporada. Apesar dos esforços das confederações em redes sociais, ela sente falta de maior presença do handebol feminino na televisão e em outros meios de comunicação tradicionais. Naira afirma que nunca sofreu nenhum tipo de situação desagradável específica por ser mulher e que sempre foi muito bem aceita, até mesmo quando jogava com alguns homens.

Sua carreira teve início aos dez anos, quando começou a jogar handebol em Goiás. Passou por diversos clubes, incluindo Força Atlética (2010–2011), Rio Verde, Santos, São José dos Campos em 2012, Santo André, onde jogou por sete anos, e por fim Pinheiros, onde teve sua melhor temporada em 2019, sendo eleita melhor goleira do Brasil. Após completar sua formação acadêmica, decidiu aceitar a proposta para jogar na Europa em 2020, iniciando na Eslováquia, onde permaneceu por três anos e meio antes de se transferir para a Hungria. Recebeu sua primeira convocação para a seleção em 2021.

A mudança para o exterior foi um divisor de águas. Naira relata que, ao chegar à Europa, percebeu um salto significativo em sua visibilidade e reconhecimento, especialmente nas redes sociais. Suas postagens passaram a atingir um público

maior e sua presença digital se consolidou como ferramenta de fortalecimento da imagem profissional. Na Europa, há um maior envolvimento dos clubes com as mídias sociais, incluindo exigências para que as atletas compartilhem conteúdos dos patrocinadores.

Durante sua trajetória, Naira teve como grande inspiração a goleira Shana Nasson, ex-integrante da seleção brasileira. Admiradora de seu trabalho desde jovem, anos mais tarde teve a honra de receber um convite da própria Shana para jogar em seu time na Itália, momento que considera marcante e emocionante. Outros ídolos incluem o jogador dinamarquês Niklas Landin, cujo estilo de jogo ela admira atualmente.

Entre os desafios enfrentados, Naira cita a distância da família como o mais difícil, especialmente em datas comemorativas como aniversários, Natal ou Dia das Mães. Destaca que o sacrifício de estar longe da convivência familiar é o preço que paga por viver seu sonho. Além disso, a adaptação à cultura e ao idioma europeu foi um obstáculo, principalmente no início, quando foi morar na Eslováquia sem dominar o inglês nem o idioma local. Como principais momentos de sua carreira, destaca o ano de 2019 no clube Pinheiros e sua primeira convocação para a seleção brasileira.

Na sua visão, a manutenção de uma carreira de alto rendimento exige preparo psicológico constante. Para ela, a mente é o fator mais importante, pois mesmo com o corpo treinado, o atleta que não sabe separar a vida pessoal da profissional pode se prejudicar. Naira aprendeu a blindar sua mente, se desconectando emocionalmente das pressões externas, inclusive das redes sociais, que reconhece como uma ferramenta poderosa e, ao mesmo tempo, perigosa.

Entre as frustrações vividas, destaca uma derrota em final de campeonato na Eslováquia, quando esperava encerrar seu ciclo no clube com um título. Apesar da temporada impecável, perder em casa foi doloroso e impactante. Mesmo assim, ela avalia sua trajetória de forma positiva, especialmente por ter conquistado o sonho de integrar a seleção brasileira adulta, algo que considera sua maior realização.

Por fim, Naira formou-se em TI em 2020 e acredita que talvez, quando parar de jogar handebol, vá para essa área. A atleta acredita que sua história serve de inspiração para outras mulheres que desejam seguir no esporte. Ela utiliza as redes sociais não apenas como vitrine profissional, mas como espaço de troca, motivação e acessibilidade para quem está começando. Sua trajetória demonstra que o caminho

do esporte exige sacrifício, dedicação e resiliência, mas que é possível alcançar grandes conquistas com foco e determinação.



Figura 20: Timeline atleta Naira

7. 2. 7. Zezé Sales

Maria José Batista de Sales, Zezé Sales, nasceu em São Gonçalo, RJ, em 19 de março de 1969. Ponta, é uma das pioneiras e maiores referências do handebol feminino do Brasil. Incentivada pela irmã, Zezé trilhou um caminho de sucesso no Clube Esportivo Mauá, onde acumulou 22 troféus estaduais seguidos, de 1985 a 2006. Ela representou o Brasil nas Olimpíadas de Sydney em 2000 e consagrou-se campeã nos Jogos Pan-Americanos de 1999, integrando a primeira geração de destaque no handebol nacional. Em 2009, Zezé criou e assumiu a direção da equipe de handebol de areia Z5, colecionando vários títulos, incluindo dois mundiais em 2005 e 2006. Além do talento, Zezé se destaca pela liderança e por formar novos atletas, contribuindo ativamente para o crescimento do handebol.



Figura 191: Perfil do Instagram da atleta Zezé Sales

Deste modo, a trajetória de Zezé Sales, ex-atleta da seleção brasileira de handebol, é marcada por um legado esportivo significativo e por uma atuação atual que ainda a vincula à modalidade, mesmo após sua aposentadoria da seleção principal. Atualmente, Zezé segue envolvida com o handebol por meio da participação em competições de veteranos, nas categorias master 50+ e 55+, além de atuar como treinadora em atividades de treinamento funcional e como comentarista esportiva em eventos de grande porte, como o Campeonato Mundial e os Jogos Olímpicos, em transmissões realizadas por canais como a CazéTV.

Durante sua carreira, que incluiu 19 anos representando a seleção brasileira, Zezé vivenciou um período de baixa visibilidade midiática para o handebol feminino. Segundo ela, antes dos Jogos Olímpicos de 2000, considerado um marco importante para o aumento da exposição da modalidade, havia poucas transmissões televisivas, majoritariamente em canais fechados e com alcance limitado.

Com o avanço da internet e das mídias sociais, esse cenário começou a se transformar. Em sua época, não havia internet de fácil acesso. Zezé observa que hoje há maior acesso a jogos e conteúdos por meio de plataformas como YouTube, Instagram e transmissões feitas pelos próprios atletas e clubes. Ela destaca que essa democratização da mídia esportiva permitiu um ganho expressivo em termos de visibilidade para o handebol feminino.

Ainda assim, a atleta reconhece uma disparidade histórica e persistente na cobertura esportiva entre as categorias masculina e feminina, tanto em termos de mídia quanto de valorização financeira. Embora o handebol feminino frequentemente

apresente resultados superiores, os jogos masculinos continuam recebendo maior espaço na mídia esportiva.

Zezé também acredita que sua notoriedade atual, mesmo após sua aposentadoria da seleção, está fortemente ligada à sua trajetória enquanto atleta. Seu nome permanece associado ao handebol, sendo reconhecida tanto por moradores de sua cidade natal, São Gonçalo (RJ), quanto por novas gerações que a identificam como referência histórica da modalidade. Essa visibilidade prolongada é parcialmente sustentada pelas redes sociais, onde ela compartilha suas experiências esportivas e projetos atuais, além de divulgar eventos e conteúdos relacionados ao handebol.

Embora não mantenha uma estratégia sistemática de produção de conteúdo digital, Zezé utiliza principalmente o Instagram, complementado pelo Facebook e WhatsApp, como ferramentas de comunicação com seu público. Ela posta conteúdos referentes a competições, jogos e treinos pessoais. Relata um aumento perceptível no número de seguidores em momentos de maior exposição midiática, como durante os Jogos Olímpicos ou quando atua como comentarista. Mesmo sem foco específico em métricas de engajamento, nota que conteúdos relacionados a competições costumam gerar maior repercussão entre os seguidores.

A atleta sempre foi responsável pela gestão de suas próprias redes, o que, segundo ela, limita o alcance potencial de suas publicações. Ainda assim, considera as plataformas digitais como ferramentas essenciais para manter o vínculo com o público, promover o handebol e apoiar projetos de formação esportiva. Um exemplo disso é o projeto de handebol desenvolvido em São Gonçalo, do qual ela participa há três anos, voltado para crianças de 10 a 16 anos, com o objetivo de desenvolver novos talentos e fortalecer a base da modalidade.

No que diz respeito ao uso comercial das redes sociais, Zezé afirma que, apesar de já ter tido patrocinadores durante sua carreira ativa, não chegou a estabelecer parcerias voltadas especificamente para divulgação em mídias digitais. Atualmente, faz uso das redes para buscar apoio ou divulgar eventos de que participa, embora sem campanhas estruturadas de marketing.

Zezé reflete sobre o papel das redes sociais na promoção do esporte feminino e na desconstrução de estereótipos de gênero. Ela menciona, por exemplo, as mudanças recentes nas regras de vestimenta no handebol de praia, que anteriormente obrigavam as mulheres a competirem de sunquini e top, enquanto os

homens utilizavam shorts e camiseta. Segundo a atleta, essa diferenciação evidenciava desigualdades de gênero ainda presentes no esporte. A possibilidade atual de escolha por roupas mais confortáveis representa, para ela, um avanço na luta por equidade e respeito às atletas.

A atleta destaca a importância das redes sociais para saber informações sobre a modalidade e sobre as atletas. Atua também como um veículo fundamental para combater estereótipos e preconceitos relacionados às atletas femininas, especialmente no handebol. Segundo ela, as redes sociais permitem apresentar as atletas além do corpo e dos resultados, proporcionando maior visibilidade e reconhecimento.

Durante sua carreira, Zezé enfrentou cobranças severas quanto à sua aparência, refletindo a pressão para manter um padrão físico ideal, que muitas vezes ofuscava suas habilidades e conquistas esportivas. Ela ressalta que, naquela época, a necessidade de ser vista pelas transmissões televisivas impunha uma rigorosa exigência sobre sua imagem, o que gerava grande desgaste.

Além dos desafios ligados à imagem, Zezé enfrentou desigualdades históricas de gênero, principalmente no que diz respeito à valorização e remuneração. Mesmo com resultados superiores, as atletas mulheres recebiam salários e apoios muito inferiores aos dos homens, refletindo a desvalorização da mulher no esporte e na sociedade em geral.

Para fortalecer a visibilidade feminina no esporte brasileiro, ela acredita que é necessário um apoio estrutural mais amplo, que permita às atletas se dedicarem exclusivamente ao esporte sem a necessidade de conciliar trabalho e estudo, situação que ela enfrentou durante toda a sua trajetória. Segundo ela, parcerias e patrocínios ainda são, muitas vezes, conquistados apenas após a obtenção de resultados expressivos, criando um ciclo difícil de romper.

Zezé iniciou sua trajetória esportiva muito jovem, com 16 anos, e logo no ano seguinte foi convocada para a seleção brasileira, inicialmente com um papel de aprendizado, observando e absorvendo experiências nas competições internacionais. Participou de 10 campeonatos mundiais, sendo quatro de areia e seis de quadra. Em três desses campeonatos, foi pouco utilizada e praticamente só assistiu às partidas.

A convivência e o intercâmbio com equipes europeias, consideradas as melhores do mundo, foram fundamentais para o crescimento e a consolidação do

handebol brasileiro no cenário mundial. Ela destaca um período significativo de intercâmbio na antiga União Soviética, no final de 1989 e início de 1990, onde ficou 45 dias em treinamento intenso. Mesmo enfrentando dificuldades logísticas e restrições para comunicação, isso contribuiu para o desenvolvimento técnico da equipe brasileira. A atleta destaca que, embora tenha recebido convites, não foi jogar na Europa por várias questões pessoais.

Ela aponta como figura inspiradora a atleta Eliane Alvin, que faleceu ainda jovem, aos 28 anos. Na família, foi inspirada por sua irmã, que era goleira e a incentivou a praticar handebol.

Apesar das dificuldades, Zezé colecionou importantes conquistas, incluindo a participação na classificação histórica para as Olimpíadas de 2000, que lhe rendeu o prêmio COB de melhor do ano no handebol. Esse prêmio escolhe apenas um atleta, independentemente do gênero, e é considerado por ela um dos maiores feitos de sua carreira.

A visibilidade conquistada nesse momento abriu portas para o reconhecimento do handebol feminino no Brasil, possibilitando a equiparação de condições como alimentação, hospedagem e remuneração em relação aos atletas de outras modalidades. Após encerrar sua carreira na quadra, Zezé dedicou-se ao handebol de areia, onde continuou atuando até os 40 anos. Também seguiu envolvida com o esporte como comentarista e treinadora, mantendo uma forte ligação com as novas gerações. Criou a equipe Z5, com a qual foi campeã brasileira e permaneceu por 10 anos.

Sua trajetória é fonte de inspiração para muitas atletas mais jovens, que a vêem como referência e exemplo a seguir. Um dos momentos mais enriquecedores foi quando trabalhou com jovens atletas de 16 anos.

Entre os maiores sacrifícios em sua carreira, destaca a dificuldade de conciliar treinos e estudos, iniciados em 1988 e concluídos em 1992. As faltas nem sempre eram abonadas, apenas para jogos oficiais, e muitas vezes ela levava o conteúdo para estudar nos intervalos entre os treinos. Muitas pessoas abandonavam os estudos por conta dessa dificuldade. Também cita a dificuldade de manter relações constantes com a família e de ter filhos, devido à rotina intensa de treinos e viagens.

Seu principal momento de frustração foi ser cortada da seleção brasileira nas Olimpíadas de Atenas, em 2004, com 36 anos, sentindo a ausência de uma despedida

em competição oficial. Essa situação mudou com o handebol de areia, no qual conseguiu participar do Mundial de Areia na Itália, aos 40 anos. Considera esse momento positivo, pois logo em seguida iniciou sua carreira como comentarista na Rede Globo, exclusivamente no handebol de areia.

Ela reforça a importância de se utilizar as redes sociais para preservar a memória do esporte feminino e divulgar as histórias das atletas, especialmente para quem não as viu jogar ao vivo. Por fim, reconhece os inúmeros sacrifícios pessoais necessários para conciliar treinos, estudos e vida familiar, destacando a importância do apoio institucional para que as futuras gerações possam se dedicar integralmente ao esporte. Zezé reafirma seu compromisso com o handebol e sua esperança de que as conquistas obtidas sejam a base para o crescimento contínuo do esporte feminino no Brasil.

Timeline Zezé

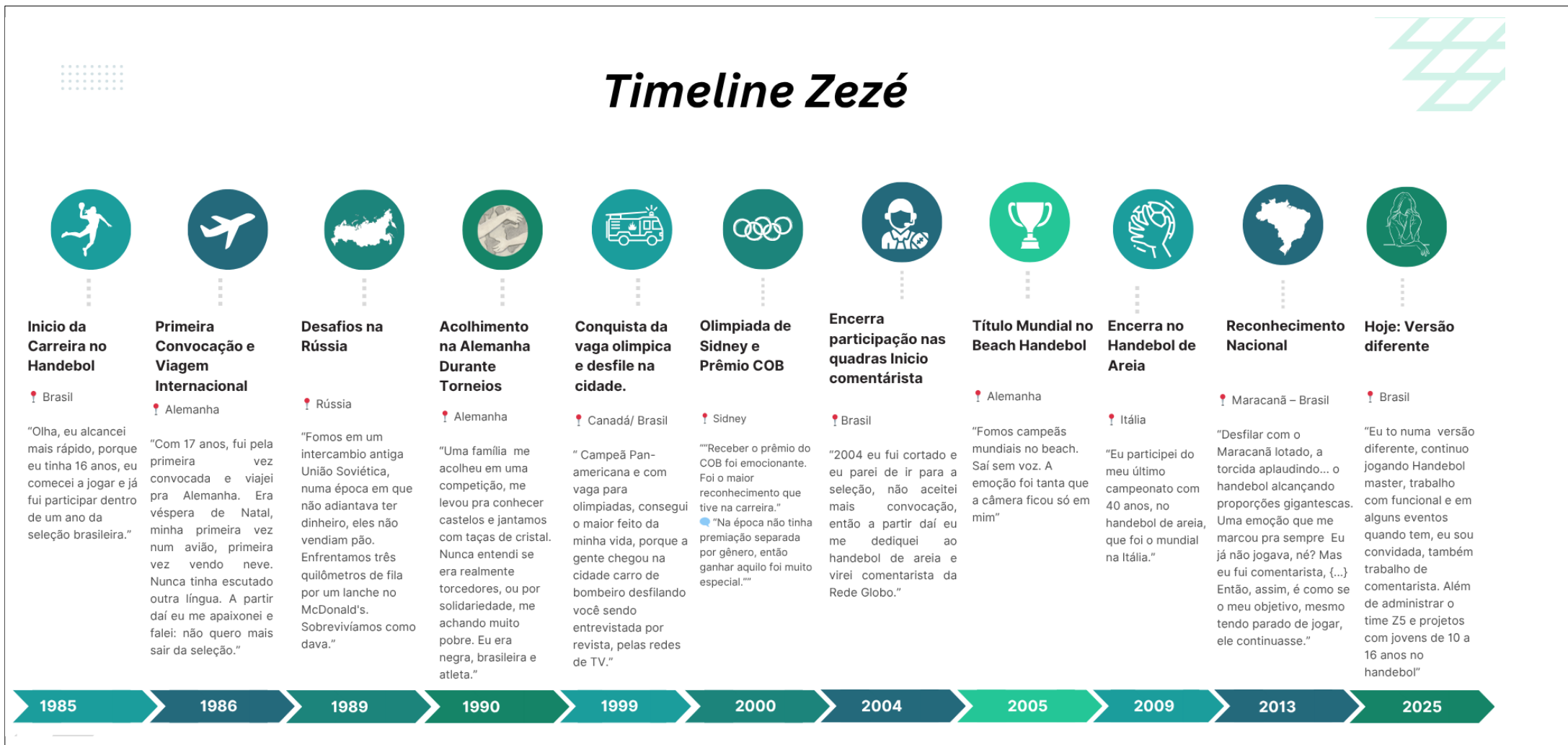


Figura 202: Timeline atleta Zezé

7. 3. Análise das entrevistas

A análise das entrevistas com as jogadoras da equipe brasileira de handebol feminino proporcionou uma compreensão mais abrangente das múltiplas dimensões que compõem suas trajetórias, visibilidade e carreiras, tanto dentro quanto fora das quadras. As narrativas foram organizadas em categorias temáticas com o objetivo de evidenciar aspectos como o desempenho esportivo, o reconhecimento na mídia, o uso das redes sociais, as estratégias de comunicação e o engajamento online influenciam diretamente nas oportunidades profissionais, na visibilidade das mulheres no esporte e na construção da imagem pública das atletas. A seguir, cada uma dessas dimensões será abordada de forma estruturada por meio das respectivas unidades de significado.

7. 3. 1. Performance Esportiva e Reconhecimento Midiático

Ao examinar as entrevistas, percebe-se que a relação entre desempenho esportivo e fama na mídia varia consideravelmente de acordo com o período. Atletas da geração de Daly, Dara, Lucila e Zezé vivenciaram um contexto em que, mesmo com resultados expressivos, como participações em Olimpíadas e conquistas pan-americanas, a visibilidade era limitada devido à escassez de espaço na mídia esportiva. Daly relata que sua geração não recebeu a mesma atenção da imprensa que as atletas da atualidade, apesar de terem participado da primeira edição olímpica da seleção feminina, em 2000.

Por outro lado, Kelly Rosa e Naira demonstram que, embora o handebol ainda tenha pouca presença na mídia tradicional, as redes sociais abriram novas possibilidades de reconhecimento. Kelly comenta que suas redes cresceram rapidamente após boas atuações, sendo impulsionadas pelas transmissões online dos campeonatos. Nesse mesmo cenário, Dara recorda que, após o título mundial de 2013, tornou-se mais conhecida entre os fãs do esporte, ainda que seu reconhecimento fora desse meio permanecesse restrito.

Mayara observa que, mesmo com a conquista do campeonato mundial de 2013, esperava uma maior repercussão midiática, o que não ocorreu. Zezé compartilha da

mesma percepção e ressalta que ainda existe uma disparidade significativa na cobertura esportiva entre os gêneros, mesmo quando os resultados das seleções femininas são superiores.

Essas experiências evidenciam que o bom desempenho no esporte, por si só, não assegura notoriedade. A presença nos meios de comunicação é fundamental para a construção da imagem pública das atletas. Essa constatação reforça os apontamentos de Morgan e Summers (2008), ao destacarem o papel decisivo da mídia na visibilidade das esportistas, influenciando diretamente a forma como são representadas, especialmente em modalidades com menor popularidade.

A ausência de estratégias institucionais voltadas à promoção das atletas também contribui para a invisibilização de trajetórias relevantes. Assim, discutir a visibilidade do esporte feminino exige compreender o papel desempenhado tanto pela mídia tradicional quanto pelas plataformas digitais, e como a falta de cobertura pode reduzir o impacto de conquistas esportivas. Fica evidente, portanto, que a visibilidade está fortemente vinculada à maneira como essas histórias são narradas e reconhecidas publicamente.

7. 3. 2 Redes sociais e Construção da imagem

De forma geral, as entrevistas indicam que as redes sociais se consolidaram como uma ferramenta indispensável na construção da imagem das atletas. O espaço digital permite que elas promovam não apenas suas carreiras esportivas, mas também aspectos pessoais que humanizam suas trajetórias e as aproximam do público. As atletas relataram como a gestão da imagem nas redes se tornou uma extensão estratégica da carreira, exigindo atenção ao conteúdo publicado e ao impacto gerado.

A construção da imagem pessoal e profissional das atletas passou a ser mediada, de maneira quase inevitável, pelas redes sociais. Esse ambiente digital oferece não apenas visibilidade, mas também a possibilidade de moldar narrativas sobre a carreira, a identidade e os valores de cada esportista.

As entrevistas revelam o uso diversificado das redes sociais nesse processo de construção de imagem. Naira e Kelly Rosa apresentam um uso mais profissionalizado: ambas gerenciam seus perfis com estratégia, postam conteúdos voltados à carreira, produzem edições próprias de vídeos e observam os horários de

maior engajamento. Kelly destaca que as redes funcionam como um "currículo digital", com grande capacidade de influenciar sua visibilidade. Naira, por sua vez, relata que um vídeo simples, que viralizou, aumentou seu número de seguidores em cinco mil, evidenciando a força desse meio.

Em relação ao uso mais moderado, Lucila, Daly e Mayara adotam posturas mais discretas. Lucila e Daly utilizam as redes de forma pontual, priorizando a preservação da vida pessoal. Mayara, embora seja usuária frequente do Instagram e TikTok, não adota uma estratégia estruturada de marca pessoal. Zezé compartilha experiências e projetos com seu público, mas sem foco em métricas de engajamento. Já Dara se posiciona em uma posição intermediária: é ativa nas redes sociais, mas não se identifica com o papel de influenciadora. Um exemplo significativo foi sua participação no projeto "Desafio dos 300 treinos", demonstrando envolvimento pontual com iniciativas de maior visibilidade, ainda que mantenha uma relação espontânea com o uso das plataformas.

A maneira como uma atleta se apresenta nas redes sociais tornou-se uma extensão da própria trajetória esportiva. Atualmente, não basta possuir excelência técnica: é necessário construir uma narrativa coerente, verdadeira e alinhada com seus valores, o que contribui para uma imagem pública mais sólida, maior reconhecimento e possibilidades de apoio financeiro. Essa construção exige planejamento, constância e seleção criteriosa do que se compartilha, o que representa um desafio para aquelas que não dominam as dinâmicas digitais, seja por opção ou por falta de suporte.

Nesse contexto, as redes sociais deixam de ser apenas ferramentas de comunicação e passam a funcionar como espaços de construção de identidade e reconhecimento profissional. Como destaca Rodríguez (2023), as atletas utilizam as mídias digitais para dar visibilidade às suas trajetórias, romper estereótipos e ampliar o alcance de suas vozes, contribuindo para a ressignificação da mulher no esporte. Isso reforça a potência simbólica e prática das redes na valorização da presença das esportistas na esfera pública.

7. 3. 3. Estratégia de Comunicação digital

Em termos gerais, as entrevistas revelam que a comunicação digital é um campo ainda em desenvolvimento para muitas atletas, que aprendem na prática como gerir suas redes sociais de forma eficiente. Apesar da ausência de apoio especializado, a maioria reconhece a importância de estratégias básicas, como a escolha de conteúdos, horários de postagem e interações com o público, com o objetivo de ampliar o alcance e fortalecer a marca pessoal.

No contexto do esporte contemporâneo, a comunicação digital é um pilar essencial não apenas para a promoção pessoal, mas também para o fortalecimento do esporte enquanto espetáculo. A habilidade de se comunicar bem nas plataformas digitais tornou-se uma competência fundamental para atletas, especialmente em modalidades com menor visibilidade na mídia tradicional, como o handebol.

Para Kelly e Naira, a comunicação digital se destaca como um ponto forte em suas carreiras. Ambas demonstram entender como utilizar as plataformas de maneira eficaz. Naira, com perfil verificado, foca na criação de conteúdo de alta qualidade e, mesmo sem utilizar hashtags, consegue bom alcance. Kelly intercala publicações sobre temas pessoais e esportivos, e ambas adaptam suas postagens aos horários de maior alcance do público. Dara, por sua vez, recebeu apoio de canais como o Esporte Interativo para administrar suas redes durante o Mundial, o que impulsionou sua imagem. No entanto, ao participar como influenciadora em uma campanha com a Roku, sentiu-se pressionada.

Mayara, Daly, Lucila e Zezé apresentam uma postura menos voltada ao profissionalismo digital. Mayara mantém duas contas no Instagram, uma pessoal e outra profissional, com abordagem natural. Daly relata que passou a usar o Instagram por insistência do canal EsporteTV. Lucila confiava ao marido parte da gestão de suas postagens, enquanto Zezé não se preocupa com estatísticas ou estratégias de engajamento.

A análise dos resultados aponta uma distinção significativa no uso das redes sociais entre atletas mais jovens e as mais experientes. Essa diferença não está necessariamente ligada a processos de profissionalização da imagem ou a orientações institucionais, mas reflete fortemente aspectos geracionais e culturais. Para as atletas mais jovens, o uso das redes está integrado de forma natural à rotina, funcionando como uma extensão de sua identidade e presença cotidiana.

As mídias digitais, especialmente o Instagram, são vistas como ferramentas intuitivas e estratégicas para comunicação, visibilidade e até monetização. O domínio das funcionalidades, a linguagem empregada e a atenção ao engajamento revelam um entendimento, ainda que informal, sobre como a lógica das plataformas influencia sua relevância nos contextos esportivo e social.

Por outro lado, as atletas mais experientes se relacionam com as redes de maneira mais espontânea, sem uma lógica sistemática voltada à construção de imagem. Para esse grupo, a inserção digital foi gradativa e acompanhou a evolução tecnológica desde um período em que a internet ainda não fazia parte da rotina esportiva ou pessoal. Assim, o uso das redes tende a ser pontual e descompromissado, mais como ferramenta de comunicação do que como estratégia.

Essa diferença evidencia uma mudança de paradigma na forma como as atletas compreendem e utilizam o ambiente digital. Enquanto as mais jovens cresceram inseridas em uma cultura de hiperconectividade, as mais experientes precisaram se adaptar a novas linguagens, plataformas e exigências comunicacionais impostas pelas redes sociais.

As diferenças no uso das redes entre atletas de distintas idades podem, portanto, ser explicadas por fatores geracionais. Segundo Bowe; Wohn, (2015), os chamados “nativos digitais”, como a geração millennials que cresceu com tecnologias de informação, diferem significativamente de gerações anteriores, que adotaram essas ferramentas mais tardiamente. Assim, as atletas mais jovens utilizam as redes de forma natural e estratégica, enquanto as mais experientes tendem a se conectar de forma pontual, sem foco em engajamento ou construção de imagem.

Essa distinção ressalta a importância do suporte institucional e da formação das atletas para o uso adequado das ferramentas digitais. As redes sociais se transformaram em novos espaços de atuação, onde a disputa se dá por visibilidade e reconhecimento. Estar presente no ambiente digital é quase tão essencial quanto estar presente nas quadras, sobretudo em modalidades com menos atenção da mídia, como o handebol (Summers; Morgan, 2008).

A visibilidade digital não serve apenas para divulgação, mas funciona também como estratégia de sustentação da carreira. A habilidade de se comunicar digitalmente tornou-se uma forma de independência e de fortalecimento da imagem profissional. Vivemos em uma sociedade em rede, na qual o poder de comunicar-se de maneira

autônoma é central. No caso das atletas, essa capacidade representa uma vantagem competitiva frente a escassez de visibilidade proporcionada pela mídia tradicional, contribuindo para a construção de uma imagem mais real e fortalecendo as relações com seu público (Moioli, 2013).

7. 3. 4. Engajamento oportunidades de carreira

De maneira geral, as atletas entrevistadas reconhecem que o engajamento nas redes sociais é um fator determinante para a expansão de suas oportunidades profissionais. A possibilidade de alcançar novos públicos, patrocinadores e eventos está diretamente relacionada ao volume e à qualidade das interações que conseguem gerar online. Assim, o engajamento passa a ser visto como uma extensão natural do desempenho esportivo.

O engajamento nas redes sociais tornou-se um ativo valioso para atletas, funcionando como catalisador de oportunidades profissionais, parcerias e patrocínios. O alcance digital frequentemente ultrapassa fronteiras nacionais e permite que atletas de esportes menos tradicionais conquistem reconhecimento e ampliem suas possibilidades de carreira.

Nesse sentido, as mídias revolucionaram as perspectivas de inserção no mercado de trabalho. Kelly, por exemplo, foi convidada para atuar em eventos e recebeu propostas de patrocínio por meio do Instagram. Naira, por outro lado, optou por não aceitar colaborações, priorizando sua autonomia sobre a própria representação. Daly e Lucila capitalizaram a visibilidade conquistada como analistas esportivas e gestoras. Zezé, Dara e Daly seguiram atuando como comentaristas. Zezé também fundou a equipe Z5 e permanece envolvida em projetos com a juventude. Mayara e Dara elaboraram planos de transição para áreas como estética e treinamento físico, contando com as redes sociais como aliadas na consolidação desses novos caminhos.

Essa realidade evidencia que o engajamento online vai além do número de seguidores, sendo convertido em influência e retorno financeiro. Estar presente nas redes atrai convites e parcerias, amplia o prestígio e prolonga a permanência das atletas no espaço público. Tal dinâmica é fundamental em um país onde poucos

esportes femininos contam com apoio financeiro estruturado. As redes sociais, nesse contexto, não apenas mantêm as atletas em evidência durante sua trajetória esportiva, como também ampliam as possibilidades de obter patrocínio e migrar para outras carreiras, como a de comentarista esportiva (Mariano et al., 2017).

Contudo, observa-se que esse uso estratégico das redes sociais é mais comum entre as atletas mais jovens. As gerações recentes cresceram em um ambiente digitalizado, no qual o uso de plataformas como Instagram e TikTok está integrado à rotina. Para essas atletas, comunicar-se com o público, compartilhar treinos e bastidores das competições tornou-se algo quase instintivo. Já as atletas mais experientes, como Zezé e Lucila, demonstram um uso mais esporádico e espontâneo das redes, sem domínio pleno dos algoritmos ou planejamento estratégico para construção de imagem digital. Isso confirma que o engajamento depende não apenas do desejo de visibilidade, mas também da familiaridade com as ferramentas e com a cultura digital contemporânea (Bowe e Wohn, 2015).

Essa diferença não se limita ao domínio tecnológico, mas também expressa distintas compreensões sobre o que significa “ser atleta” fora das quadras. Enquanto as mais jovens entendem a exposição online como parte do profissionalismo, muitas veteranas não foram preparadas nem incentivadas a estruturar uma imagem pública. Para elas, o prestígio estava vinculado exclusivamente aos resultados esportivos e à cobertura pela mídia tradicional. Hoje, no entanto, torna-se evidente que a narrativa construída nas redes sociais também integra a performance esportiva. Essa mudança revela uma lacuna institucional, com a ausência de iniciativas por parte de federações e clubes no sentido de orientar e capacitar atletas para o uso estratégico das redes sociais (Silva, 2023).

Nesse cenário, o desempenho esportivo já não é suficiente. São exigidas também habilidades comunicacionais. Atletas que conseguem aliar competência técnica com presença digital consistente ampliam suas chances de manter relevância mesmo após o fim da carreira esportiva. Essa combinação representa uma vantagem competitiva para as atletas mais jovens, ao passo que as mais experientes, embora repletas de conquistas, ainda enfrentam dificuldades de adaptação às novas lógicas de visibilidade. Estamos diante de uma transformação estrutural no papel da mulher atleta, que passa de competidora a gestora da própria marca pessoal em tempo integral (Moioli, 2013).

7. 3. 5. Visibilidade da Mulher no esporte

As entrevistas destacam um avanço considerável na visibilidade das mulheres no esporte, impulsionado especialmente pelas redes sociais. As atletas reconhecem que a possibilidade de autogerenciar suas narrativas, sem depender exclusivamente da mídia tradicional, ampliou significativamente a presença feminina no cenário esportivo. Entretanto, também apontam que esse aumento de visibilidade ainda não se traduziu, de forma plena, em igualdade de condições e reconhecimento institucional.

A visibilidade da mulher no esporte é uma conquista histórica, potencializada pelas mídias digitais e pela atuação direta das próprias atletas na desconstrução de estereótipos e na superação de barreiras institucionais. O esporte feminino, por muito tempo invisibilizado, encontrou nas plataformas digitais um meio eficaz de reivindicação e promoção.

Todas as entrevistadas relatam avanços na visibilidade feminina, mas alertam para desigualdades ainda persistentes. Lucila e Daly denunciaram a ausência de técnicas mulheres na seleção, apesar da qualificação profissional existente. Lucila, inclusive, participa de comitês voltados à ampliação da liderança feminina no esporte. Zezé destacou como avanço a mudança das regras de vestimenta no handebol de praia, anteriormente marcadas por desigualdade de gênero. Naira reforçou que o objetivo é ocupar espaços com competência, e não competir com os homens. Kelly reconheceu que a geração atual conta com maior visibilidade, mas apontou a carência de apoio como obstáculo ainda presente.

O debate sobre a visibilidade da mulher no esporte envolve múltiplas camadas, que vão da cobertura midiática à ocupação de espaços de poder. As atletas apontam não apenas o apagamento histórico, mas também o desafio contínuo de manter presença ativa em um ambiente no qual a figura feminina ainda é atravessada por estereótipos e pressões estéticas. A visibilidade, portanto, deve ser compreendida como um direito político, que necessita ser assegurado por meio de políticas públicas e ações institucionais. A luta pelo reconhecimento das mulheres no esporte exige transformações culturais, comunicacionais e estruturais (Goellner, 2008).

Nesse sentido, corrobora-se a análise de Knijnik (2014), que aponta como o corpo feminino no esporte é frequentemente tratado como objeto midiático, reforçando

estereótipos de gênero e dificultando o reconhecimento pleno das competências esportivas das mulheres.

Além disso, Goellner (2008) enfatiza que a visibilidade das mulheres no esporte não se resume à presença na mídia, mas reflete as relações de poder e a construção social do gênero que atravessam o universo esportivo. De acordo com a autora, as mulheres enfrentam barreiras institucionais que limitam o acesso a recursos, oportunidades e reconhecimento, perpetuando um ciclo de invisibilidade e marginalização. Essa marginalização é intensificada pela ausência de políticas institucionais que promovam a equidade de gênero em cargos técnicos, de liderança e na cobertura midiática.

Embora o papel das redes sociais seja reconhecidamente revolucionário na ampliação do alcance das atletas, ele não substitui a necessidade de ações estruturais que promovam a equidade. Como evidenciado por Cooky et al. (2021), apesar do aumento da cobertura digital, as narrativas ainda são muitas vezes moldadas por estereótipos e por uma visão sexualizada do corpo feminino, o que limita a percepção pública quanto à real habilidade e profissionalismo das atletas.

Dessa forma, a construção de uma visibilidade que assegure o reconhecimento integral das mulheres no esporte demanda um esforço articulado entre a mídia, as instituições esportivas e a sociedade civil. Para romper com os paradigmas históricos, são necessárias políticas públicas de inclusão, programas de capacitação voltados a gestoras e técnicas, e a implementação de ações afirmativas que ampliem a presença feminina nos espaços de decisão e poder esportivo (Camargo, 2016).

7. 3. 6. Trajetória esportiva

Em linhas gerais, as entrevistas mostram que a trajetória esportiva das atletas é vista como um elemento fundamental para o reconhecimento profissional e pessoal. A história de superação, dedicação e conquistas representa não apenas um motivo de orgulho, mas também uma ferramenta estratégica para fortalecer vínculos com o público e impulsionar novas oportunidades, especialmente no ambiente digital.

A trajetória das atletas é marcada por desafios, conquistas e superações que moldam suas identidades profissionais e influenciam a forma como se posicionam e são percebidas pelo público. A experiência acumulada é frequentemente transformada

em narrativas inspiradoras, que contribuem para legitimar a presença feminina no esporte de alto rendimento.

Destaca-se que essas trajetórias variam conforme a geração. Zezé, Daly e Lucila desbravaram um cenário esportivo com pouco ou nenhum apoio institucional, sendo fundamentais na estruturação da base da seleção feminina. Lucila enfrentou grandes desafios e chegou a ser capitã da equipe nacional. Dara e Mayara tiveram carreiras internacionais longas e expressivas: Mayara enfrentou lesões severas, enquanto Dara construiu um crescimento progressivo desde as categorias de base até a elite. Kelly e Naira, por sua vez, representam a geração digital, marcada pelo acesso mais amplo à Bolsa Atleta, maior visibilidade nas redes sociais e reconhecimento internacional precoce.

Essas histórias evidenciam a importância de uma estrutura de base sólida e do suporte familiar, institucional e escolar para o desenvolvimento esportivo. A continuidade na carreira exige não apenas talento, mas também uma rede de apoio e a existência de oportunidades concretas. A desigualdade de acesso permanece como uma barreira significativa para o avanço do esporte feminino no Brasil. A construção de uma trajetória de sucesso depende, portanto, de múltiplos fatores externos ao desempenho individual, incluindo o acesso a políticas públicas e a estruturas de formação mais bem desenvolvidas. Como aponta Rubio (2021), a formação esportiva no Brasil ainda é marcada por desigualdades regionais e de gênero, o que impacta diretamente as trajetórias de atletas mulheres.

Um elemento decisivo na carreira de várias entrevistadas foi a oportunidade de jogar na Europa, marco que simboliza a profissionalização efetiva e o reconhecimento de suas carreiras. O handebol europeu oferece um cenário mais estruturado, com ligas consolidadas, infraestrutura de alto nível e um público engajado. Segundo Ribeiro (2015), o esporte europeu se destaca por oferecer uma cultura esportiva que valoriza significativamente a profissionalização das atletas femininas, ao contrário do contexto brasileiro.

As atletas que migraram para clubes europeus relataram que a experiência foi fundamental para seu crescimento profissional, possibilitando contato com treinadores de excelência, participação em competições intensas e inserção em uma cultura esportiva que respeita o handebol feminino de forma mais profunda. Essa vivência

representa não apenas um salto em termos técnicos, mas também o fortalecimento de sua imagem pública e autoridade esportiva.

Apesar da consolidação profissional na Europa, as atletas mantêm uma forte conexão com o público brasileiro. Ajustam a publicação de conteúdos nas redes sociais aos horários de maior engajamento no Brasil, demonstrando uma estratégia de comunicação que valoriza a base de fãs nacional e reforça a identidade cultural. Como destacam Smith e Sanderson, (2015), a gestão eficaz das redes sociais permite às atletas internacionais manterem laços estreitos com suas audiências de origem, fortalecendo sua marca pessoal e ampliando oportunidades comerciais.

Além disso, o contato com o ambiente europeu serve como referência para apontar a necessidade de melhorias estruturais no cenário esportivo nacional. A vivência internacional amplia a percepção sobre lacunas no Brasil, como a escassez de investimentos, o frágil apoio institucional e a ausência de políticas públicas consistentes de incentivo ao esporte feminino, reforçando a urgência de transformações locais para que mais atletas possam construir trajetórias semelhantes.

Em suma, a trajetória esportiva das atletas revela não apenas o esforço individual, mas também a influência determinante das condições estruturais e das novas mídias digitais. O reconhecimento conquistado dentro e fora das quadras resulta da combinação entre talento, oportunidades e estratégias de visibilidade. Nesse contexto, valorizar a história de cada atleta é essencial para o fortalecimento do esporte feminino e para a construção de referências que inspirem novas gerações.

7. 3. 7. Carreira esportiva

De maneira geral, as entrevistas revelam que a carreira esportiva das mulheres no handebol é marcada por desafios estruturais significativos. As atletas relatam dificuldades relacionadas à conciliação de múltiplas atividades, à insegurança financeira e à ausência de políticas de proteção adequadas. Paralelamente, as redes sociais são percebidas como uma ferramenta que permite diversificar a atuação profissional, oferecendo novas alternativas de continuidade para além do período competitivo.

A trajetória esportiva das mulheres enfrenta barreiras específicas relacionadas ao gênero, como a necessidade de conciliar diferentes atividades, a ausência de políticas de proteção à maternidade e a desigualdade de remuneração (Goellner, 2004). No entanto, as novas possibilidades proporcionadas pelas redes sociais e pelo fortalecimento do marketing pessoal oferecem caminhos de diversificação e continuidade profissional.

As sete atletas entrevistadas fizeram e estão realizando transições bem planejadas. Daly e Lucila atuam como professoras e gestoras. Dara trabalha como personal trainer e empresária. Mayara atua como esteticista. Kelly está com a graduação em Educação Física trancada, mas pretende retomá-la. Naira se formou em Tecnologia da Informação e considera retornar à área futuramente. Zezé criou sua própria equipe, a Z5, e segue vinculada ao esporte como técnica, comentarista e personal trainer.

Essas experiências reforçam a importância do preparo para o pós-carreira. Em um país que carece de políticas estruturadas de aposentadoria esportiva, a formação acadêmica e profissional torna-se essencial. O esporte de alto rendimento exige sacrifícios, mas também pode ser um caminho para a mobilidade social e para o protagonismo feminino, desde que acompanhado de planejamento ao longo da trajetória.

O sucesso fora das quadras exige, portanto, uma visão de futuro desde o início da carreira esportiva. Como aponta o Comitê Olímpico do Brasil (2021), a transição de carreira deve ser compreendida como parte do desenvolvimento esportivo e humano do atleta. Investir em educação paralelamente à prática esportiva amplia as possibilidades de mobilidade social e de protagonismo após a aposentadoria (COB, 2021).

7. 3. 8. Questões adicionais

As entrevistas realizadas com sete atletas da Seleção Brasileira de Handebol revelaram dimensões profundas e, por vezes, pouco discutidas da experiência esportiva feminina. Para além dos temas centrais previamente abordados, surgiram

questões que evidenciam a complexidade da trajetória dessas mulheres no esporte, marcadas por desafios estruturais, emocionais e sociais.

Um ponto comum foi o efeito das lesões na trajetória profissional. Atletas como Mayara, Lucila e Kelly relataram momentos de instabilidade emocional e insegurança após sofrerem lesões graves. Os relatos mostram que as lesões não causam apenas dor física, mas também medo de uma aposentadoria precoce, perda da identidade como atleta e a necessidade de reconstrução psicológica. Essa situação expõe a falta de políticas institucionais que ofereçam apoio físico e emocional às atletas lesionadas, evidenciando uma lacuna no esporte brasileiro.

Corroborando essa perspectiva, Niekerk et al. (2023) destacam que fatores psicológicos desempenham papel significativo não apenas na recuperação de lesões, mas também na decisão de retornar ou não ao esporte, sendo as atletas mulheres menos propensas a retomar as atividades esportivas após lesões graves.

Outro ponto importante foi a maternidade e seu impacto na carreira esportiva. Dara e Lucila relataram que adiaram a maternidade por medo de perder espaço competitivo e devido ao preconceito ainda presente na modalidade. A ausência de políticas esportivas adequadas à mulher-mãe, como licença-maternidade, apoio durante a gestação e retorno pós-parto, reforça a ideia de que o esporte de alto rendimento ainda é estruturado sob uma lógica masculina.

Nesse sentido, Vasconcelos et al. (2021) apontam que a maternidade impacta a vida competitiva de uma mulher de forma completamente diferente da de um homem, sendo necessário dar voz às mulheres que se vêem obrigadas a abandonar o esporte pelo desejo de ser mãe.

A sobrecarga emocional, especialmente ligada ao uso das redes sociais, também foi muito citada. As atletas destacaram como críticas e comentários negativos afetam a autoestima e o desempenho. Apesar disso, reconhecem o potencial das redes e, segundo Kelly, elas podem representar uma forma de reconhecimento e motivação. Esses relatos mostram que a exposição digital, embora aumente a visibilidade, também amplia a vulnerabilidade emocional, exigindo preparo psicológico para lidar com esse ambiente.

Tourinho Filho (2023) corrobora essa visão ao apontar que a superexposição nas redes sociais pode impactar negativamente a autoestima dos atletas, levando ao desenvolvimento de transtornos mentais como ansiedade e depressão.

Nesse cenário, o papel da família como suporte fundamental se destaca. Naira e Mayara ressaltaram a importância do apoio familiar para manter uma rotina equilibrada entre treinos, competições e a vida pessoal. Ao mesmo tempo, surgem desafios logísticos e emocionais, principalmente quando a carreira exige mudança para outro país. Daly, por exemplo, relatou que ir para o exterior, apesar de ser uma oportunidade profissional, também trouxe sentimentos de solidão, dificuldades de adaptação e afastamento da rede de apoio.

Tertuliano et al., (2021) corroboram essa visão ao apontar que atletas que se deslocam para atuar em outra cidade ou país enfrentam desafios como isolamento, competitividade e saudade dos familiares, fatores que podem comprometer a saúde mental e o desempenho esportivo.

A ideia de legado e inspiração entre gerações também apareceu em todas as entrevistas. As atletas demonstraram orgulho ao ver as novas gerações aproveitarem os resultados de lutas passadas e se sentem motivadas a continuar sendo referência para outras meninas que desejam ingressar no esporte. Essa continuidade mostra como a trajetória de cada uma vai além do aspecto individual e assume um papel coletivo na construção da história e do futuro do handebol feminino.

Uma pesquisa realizada pelo DataSenado (2021) destaca que as conquistas das atletas brasileiras vão além das medalhas, servindo como inspiração para meninas que enfrentam barreiras de gênero, raça ou classe social no esporte.

A visibilidade conquistada nas redes sociais também surgiu como um ponto central. As entrevistas evidenciam que o reconhecimento público está profundamente ligado à forma como cada atleta comunica sua trajetória. Aquelas que dominaram as ferramentas digitais conseguiram manter e até ampliar sua presença pública mesmo após o auge competitivo, utilizando as redes como estratégia para reforçar sua identidade profissional e ampliar o impacto da modalidade.

Em complemento, um estudo da agência Redtorch (2024) revelou que, durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, as atletas femininas foram responsáveis por 53% do engajamento nas redes sociais, apesar de receberem menos destaque na mídia tradicional, indicando o poder das plataformas digitais na ampliação da visibilidade do esporte feminino. Contudo, essa exposição ainda é afetada por disparidades de gênero, oportunidade e atenção da mídia.

Dessa forma, o estudo confirma seu objetivo central: compreender como a trajetória esportiva influencia a construção e manutenção da visibilidade nas redes sociais e de que maneira essa visibilidade impacta diretamente a carreira das atletas e o reconhecimento do handebol feminino no Brasil. As entrevistas revelam que a visibilidade não é apenas fruto da performance esportiva, mas um campo simbólico e político de disputa, onde a narrativa da carreira precisa ser construída com propósito e estratégia para que as atletas estejam em destaque dentro e fora das quadras.

Por fim, as perspectivas dessas mulheres evidenciam uma trajetória esportiva caracterizada por superações pessoais ligadas a desigualdades estruturais. Essas vivências ressaltam a necessidade urgente de políticas governamentais que assegurem equidade de gênero, suporte psicológico, plano de carreira e valorização da história esportiva. A visibilidade, nesse contexto, se apresenta não só como uma conquista individual, mas como um instrumento coletivo de resistência, mudança, motivação e inspiração no esporte brasileiro.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender que a visibilidade das atletas da Seleção Brasileira de Handebol Feminino nas redes sociais é fortemente influenciada por suas trajetórias esportivas, mas também limitada por uma série de fatores estruturais que atravessam o universo esportivo. Ainda que as mídias digitais, como o Instagram, ofereçam oportunidades para que as próprias atletas construam e administrem suas imagens públicas, essa autonomia esbarra em desigualdades de gênero, falta de investimento institucional e ausência de estratégias profissionais de comunicação voltadas para o esporte feminino.

As redes sociais podem representar espaços de empoderamento, mas não substituem políticas públicas estruturantes, nem garantem por si só a valorização plena das atletas. O destaque pontual de algumas jogadoras, muitas vezes provocado por feitos heroicos, atos emocionantes ou desempenho em grandes competições, não resolve a invisibilidade histórica do handebol feminino no Brasil, nem rompe com os estereótipos que ainda associam a mulher atleta à fragilidade, à estética e ao não

pertencimento a esse espaço. Além disso, as experiências narradas nas entrevistas mostram como a falta de apoio na transição de carreira, a maternidade e a ausência de lideranças femininas são desafios reais para a afirmação da mulher no esporte em diversos aspectos.

Portanto, as reflexões aqui compartilhadas enfatizam a necessidade urgente de expandir as perspectivas de análise e ação em relação à participação feminina no esporte. A visibilidade, vista não como um fato isolado, mas como um processo constante e coletivo, depende da colaboração entre atletas, órgãos esportivos, mídia, investidores e governo.

Esta pesquisa, ao dar voz às atletas e às suas experiências, enriquece um debate ainda pouco explorado na relação entre mídia, esporte e gênero. Progredir nessa direção implica não só impulsionar o handebol feminino, mas também estimular uma mudança cultural mais ampla, que reconheça, respeite e valorize o papel das mulheres em todos os âmbitos, inclusive no esportivo.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRES, Suélen de Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 527–538, 2018.

ANDRES, Suélen de Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Seleção Brasileira de Handebol Feminino: da primeira convocação à conquista da vaga Olímpica (1983-2000). **História Oral**, v. 24, n. 2, p. 53-68, 2021.

ANDRES, Suelen de Souza. **Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul : narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

BARDLN, Lawrence. Análise de conteúdo. **Lisboa: edições**, v. 70, p. 225, 1977.

BERENDS, L. Abraçando o visual: usando linhas do tempo com entrevistas em profundidade sobre substância uso e tratamento. **Relatório Qualitativo**, v. 16, p.1–9, 2011.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; VELOSO, Ana Maria. Gênero, mídia e futebol: a cobertura midiática genderificada no Brasil. **Elas e o futebol. João Pessoa: Xeroca**, 2019.

BOWE, Brian J.; WOHN, Donghee Yvette. Are there generational differences?: social media use and perceived shared reality. *Em: PROCEEDINGS OF THE 2015 International conference on social media*

& society 2015, Toronto Ontario Canada. **Anais [...]**. Em: SMSOCIETY '15: International conference on social media & society. Toronto Ontario Canada: ACM, 2015. p. 1–5. DOI: 10.1145/2789187.2789200. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/2789187.2789200>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CAMARGO, Philipe Rocha de. **O desenvolvimento do handebol brasileiro a partir das políticas públicas do governo federal: da iniciação ao alto rendimento**. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CAVALLI JÚNIOR, Pamella Garcia ROSA, Pietro Zeni de LAZZARI .A transmissão esportiva no rádio. **Cadernos de Artigos Científicos e Resumos Expandidos**, v. 1 n. 4, 2015

COLETÂNEA de textos em estudos olímpicos. Organização de Marcio Turini, Lamartine DaCosta. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. 2 v.: il., gráficos, tabelas. ISBN 85-7444-033-7.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Saúde mental, transição de carreira e gestão esportiva são temas do V Fórum das Comissões de Atletas**. 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.cob.org.br/comunicacao/noticias/saude-mental-transicao-de-carreira-e-gestao-esportiva-sao-temas-do-v-forum-das-comissoes-de-atletas>. Acesso em: 15 maio. 2025.

COOKY, Cheryl; COUNCIL, LaToya D.; MEARS, Maria A.; MESSNER, Michael A. One and Done: The Long Eclipse of Women's Televised Sports, 1989–2019. **Communication & Sport**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 347–371, 2021. DOI: 10.1177/21674795211003524.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Modelo de desenvolvimento esportivo do Comitê Olímpico do Brasil**. Rio de Janeiro: COB, 2021. Disponível em: https://admin.cob.org.br/uploads/2091_4eebdbfb79_58dd7803cc.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Modelo de desenvolvimento esportivo do COB**. Rio de Janeiro: COB, 2022. Disponível em: <https://www.cob.org.br/time-brasil/modelo-de-desenvolvimento-esportivo>. Acesso em: 20 maio 2025.

COOKY, Cheryl; MESSNER, Michael A.; MUSTO, Michela. “It's Dude Time!": A Quarter Century of Excluding Women's Sports in Televised News and Highlight Shows. **Communication & Sport**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 261–287, 2015. DOI: 10.1177/2167479515588761.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. **Rio de janeiro: Contraponto**, v. 102, p. 85-102, 1997. DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. [s.l.] : Editora Unijuí, 2005.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A Busca da Excitação. **Difel**. 1992.

FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Mulheres atletas nas Olimpíadas de Tóquio 2020: olhares da imprensa escrita brasileira. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 25, n. 53, p. 109–126, 2022.

GABRIEL, Bruno José . **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esportes da Folha de S. Paulo (1991-2011)**. 2015. 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GE. **Atleta brasileira é homenageada por ato de fair play em Paris 2024**. 20 maio 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2025/05/20/atleta-brasileira-e-homenageada-por-ato-de-fair-play-em-paris-2024.ghtml>. Acesso em: 15 maio. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. [s.l.] : 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: **Aleph**, p. 359-372, 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 173-196, 2008.

GUIMARÃES LINS, Raquel; DE CASTRO, Roney Polato. Pedagogias dos artefatos culturais na constituição de juventudes, gênero e sexualidade. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 144–164, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17372.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. [s.l.] : Editora Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, v. 2, n. 03, p. 32-52, 1999.

IBOPE REPUCOM. **O interesse médio feminino por esporte cresce desde 2020**. [2024?].

Disponível em: [https://www.iboperepucom.com/br/noticias/o-interesse-medio-feminino-por-esporte-cresce-desde-2020/#:~:text=O%20estudo%20revela%20que%20o,os%20homens%20\(+9%25\)](https://www.iboperepucom.com/br/noticias/o-interesse-medio-feminino-por-esporte-cresce-desde-2020/#:~:text=O%20estudo%20revela%20que%20o,os%20homens%20(+9%25)).

Acesso em: 15 maio. 2025.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Gender Equality Review Project**. 2018. Disponível em: <https://www.olympics.com/ioc/gender-equality/advocacy-and-support/gender-equality-review-project>. Acesso em: 15 jun. 2025.

JANUARIO, Soraya Maria Bernardino Barreto; MELO, Paloma Souza de Castro; ALBUQUERQUE, Mateus de Melo; PAIXÃO, Danyelle Alves da [orgs.]. Gênero, mídia e esportes: o que os feminismos têm a dizer sobre as práticas, o consumo e as vivências esportivas. Maceió, AL: **Kattleya**, 2024. Livro em PDF. ISBN 978-65-983304-2-2.

JUN, Seung-Pyo; YOO, Hyoung Sun; CHOI, San. Ten years of research change using Google Trends: from the perspective of big data utilizations and applications. **Technological Forecasting And Social Change**, [S.L.], v. 130, p. 69-87, 2018. Elsevier BV.

KOLAR, Kat et al. Timeline mapping in qualitative interviews: A study of resilience with marginalized groups. **International journal of qualitative methods**, v. 14, n. 3, p. 13-32, 2015.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. Simões AC, Knijnik JD, organizadores. O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: **Aleph**, p. 191-212, 2004.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Gênero: um debate que não quer calar. **KNIJNIK, JD Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: **Apicuri**, p. 25-66, 2010.

MALULY, Luciano Victor Barros; CARVALHO, Thais May. Pensando As Mulheres No Esporte Olímpico E Na Cobertura Esportiva Brasileira Com Katia Rubio. **Revista Brasileira de Estudos da Mídia**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2024.

MARIANO, Ari Melo; ANJOS, FBD; SILVA, Victor RAMOS; SANTOS, Maíra ROCHA. Tornando-se um digital influencer: Um estudo dos fatores que influem em sua concepção. *Em*: 2017, **Anais [...]**. . *Em*: AEDEM INTERNATIONAL CONFERENCE. [s.l.: s.n.] p. 546–564.

MARQUES, Ronualdo; FRAGUAS, Talita. A formação do senso crítico no processo de ensino e aprendizagem como forma de superação do senso comum. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 7, p. e31010716655–e31010716655, 2021.

MELO, Victor Andrade. Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, 2008.

METCALFE, Sarah Nicola. The development of an adolescent sporting gendered habitus: young people's interpretation of UK sports-media coverage of Rio 2016 Olympic Games. **European Journal for Sport and Society**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 361–378, 2019.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: **Hucitec**, 2010. 407 p.

MOIOLI, A. **A Relação das Novas Mídias de Comunicação e o Esporte: rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol**. 2013. 308 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2013.

MORÃO, K. G. **Interferência das redes sociais virtuais no contexto esportivo: uma análise do ponto de vista dos atletas**. 2021. 179f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2021.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

MORENO, Rachel. A beleza impossível: mulher, mídia e consumo. Editora **Ágora**, 2008.

PEREIRA, A. B. Mídia e gênero: a construção de tipos sociais. In: MIRANDA, M. G. (Org.). Escrita da pesquisa em educação no centro-oeste. Campo Grande: Ed. **Oeste**, 2016. p. 407-423.

PATTERSON, Michelle L.; MARKEY, Melinda A.; SOMERS, Julian M. Multiple paths to just ends: Using narrative interviews and timelines to explore health equity and homelessness. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 11, n. 2, p. 132-151, 2012.

POLETO, Thays Renata; JACINTO, Angélica Pimenta; ANDREATTA, Gabriela Silva; ALMEIDA, Katheryne Loise Cunha de; CAMPOS, Keimilin Thais de; CAVALLI JÚNIOR, Marcelo Ferreira; LAZZARI, Pietro Zeni de. A transmissão esportiva no rádio. **Cadernos de Artigos Científicos e Resumos Expandidos**, v. 1, n. 4, 2015

RAMOS, Bruno Soares; SILVA, Alzira Karla Araújo Da; FREIRE, Gustavo Henrique De Araújo. Análise das redes de relacionamento produzidas com a aplicação do marketing científico digital dos periódicos científicos da Ciência da Informação no Brasil. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S. l.], v. 12, p. 1, 2023. DOI: 10.5380/atoz.v12i0.86854.

REDTORCH. *Beautiful data – Women-focused insight from the Paris 2024 Olympic Games*. Londres: Redtorch, 2024. Disponível em: <https://www.redtorch.sport>. Acesso em: 14 jun. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO; OBSERVATÓRIO DA MULHER CONTRA A VIOLÊNCIA. *Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero*. Brasília: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado>. Acesso em: 14 jun. 2025.

RIBEIRO, Carlos Henrique De Vasconcellos et al. Memórias de uma ex-atleta de handebol feminino: Zezé e sua trajetória na ascensão e declínio do esporte em São Gonçalo, RJ. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 28, n. 306, p. 19–38, 2023. DOI: 10.46642/efd.v28i306.7144.

RIBEIRO, Diego dos Santos. **Seleção Brasileira de Handebol Feminino: estudos preliminares dos resultados dos últimos vinte anos, 1995-2015**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, PR, 2015.

RODRÍGUEZ, Diego Berraquero et al. Social Media En El Balonmano: Una Revisión Sistemática. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 19, n. 60, 2024.

RUBIO, Katia (ORG.). **Mulheres e esportes no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo, SP: Editora Laços Ltda, 2021.

SAINT'CLAIR, Emerson da Mota. **Percepções do handebol no campo esportivo brasileiro: entre conquistas e desafios**. 2018. 193 f.: il. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge Dos. Relações entre esporte e mídia no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, [S. l.], p. 75–83, 2012. DOI: 10.36453/cefe.2011.v10.n18.p75.

SANTOS JUNIOR, N. J. dos. Relações entre esporte e mídia no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, **Marechal Cândido Rondon**, v. 10, n. 18, p. 75–83, 2012.

SANTOS RODRIGUES, Kassia; CORREIA DE LIMA SANTOS, Dannel; MARTINS DE SOUSA, Izabela; VALERIOTE DE OLIVEIRA COELHO, Ana Carolina; TOZATTO, Alessandra. Manifestação da desigualdade de gênero na trajetória esportiva de mulheres cisgênero: uma revisão de literatura. **Dialogos Abiertos**, v. 3, n. 1, 2024. DOI: 10.32654/DialogosAbiertos.3-1.5. Disponível em: <https://www.revistamultidisciplinariadialogosabiertos.edu.pe/ojs/index.php/rmda/article/view/55>. Acesso em: 14 maio. 2025.

SILVA, Nuno David Bernardo Saraiva Guerra e. **O papel das redes sociais no marketing desportivo digital dos clubes de futebol: caso do Sporting Clube de Portugal**. 2023. Dissertação (Mestrado em Marketing) – Instituto Superior de Gestão, Lisboa, 2023.

SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (orgs.). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: **Aleph**, 2004.

SMITH, Lauren Reichart; SANDERSON, Jimmy. I'm Going to Instagram It! An Analysis of Athlete Self-Presentation on Instagram. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 59, n. 2, p. 342–358, 2015. DOI: 10.1080/08838151.2015.1029125.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 35–48, 2007.

SUMMERS, Jane; MORGAN, Melissa Johnson. Marketing esportivo. **São Paulo: Thomson Learning**, [S. l.], 2008.

TEIXEIRA, Carlos Roberto Gaspar; TIETZMANN, Roberto. Redes sociais digitais e atletas olímpicos brasileiros: uma análise a partir da Teoria Fundamentada e da estatística aplicada à comunicação. **FuLiA / UFMG**, v. 6, n. 1, p. 137–158, 2021. DOI: 10.35699/2526-4494.2021.33270.

TEIXEIRA, Carlos Roberto Gaspar. **Data Fama: o desempenho dos atletas olímpicos nas redes sociais digitais**. 2017. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TERTULIANO, Ivan Wallan; MONTIEL, José Maria; BARTHOLOMEU, Daniel; VILLELA, Marina Cristina; MACHADO, Afonso Antonio. Expatriação e adaptação de voleibolistas ao novo contexto social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 27–41, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35i3p27-41.

THEBERGE, Nancy. Gender and sport. **Handbook of sports studies**, p. 322-333, 2000.

VAN DIJCK, José. **La Cultura de la Conectividad: Una Historia Crítica de Las Redes Sociales**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2016.

TIBÚRCIO, Matheus. **Torcida adota Angola, goleira de 98kg brilha e africanas derrubam Romênia**. *ge.globo*, 06 ago. 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/handebol/noticia/2016/08/torcida-adota-angola-goleira-de-98kg-brilha-e-africanas-derrubam->

romenia.html#:~:text=Com%20ele%20a%20torcida%20brasileira,africanas%20conquistaram%20um%20triunfo%20memor%C3%A1vel. Acesso em: 15 jun. 2025.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. Métodos de pesquisa em atividade física. Artmed Editora, 2009.

TOURINHO FILHO, Hugo. Exposição excessiva nas redes sociais tem prejudicado atletas. Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/exposicao-excessiva-nas-redes-sociais-tem-prejudicado-atletas/>. Acesso em: 20 maio 2025.

VALERIM, Patricia. **Entre a efemeridade e a permanência: práticas informacionais em perfil do Instagram com a temática de ciência e maternidade**. 2022. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Porto Alegre, 2022.

VASCONCELOS, Amanda Figueiredo et al. Impacto da maternidade na carreira de atletas. **Encontros Universitários da UFC**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1368, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/eu/article/view/74491>.

VIARD, Monique De Sá Tavares; PAIXÃO, Pablo Boaventura Sales. O USO DO INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: análise de conteúdo do perfil @cienciajuventude. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 13, 2023. DOI: 10.35699/2237-6658.2023.39216. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/39216>. Acesso em: 14 jun. 2025.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A visão dos estudos culturais da ciência. **ComCiência**, n. 100, p. 0-0, 2008.

Anexo I - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS - ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL FEMININO

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS - ATLETAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL FEMININO

Inicial: Atualmente, como tem sido sua rotina? Como você descreveria o momento que está vivendo na sua vida e na sua carreira esportiva?

1. Trajetória esportiva e visibilidade:

Questão principal:

Como sua trajetória esportiva influenciou/a sua visibilidade e reconhecimento nas redes sociais e fora delas?

Pontos de ajuste:

- Quais suas principais redes sociais, e desde quando é adepta?
- Você notou um aumento de seguidores ou engajamento após conquistar títulos ou participar de grandes competições?
- Quais foram os momentos mais marcantes da sua carreira que ajudaram a aumentar sua popularidade online?

2. Redes sociais e construção de imagem:

Questão principal:

De que forma você utiliza as redes sociais para construir e manter sua imagem pública e esportiva.

Pontos de ajuste:

- Quais aspectos da sua vida pessoal ou profissional você considera importantes para compartilhar com seus seguidores? E como equilibra entre promoção da carreira esportiva e outras causas.
- Que tipo de conteúdo você percebe que gera mais interação ou engajamento entre seus seguidores?

3. Estratégias de comunicação digital:

Questão principal:

Quais são as principais estratégias de comunicação digital que você utiliza para aumentar sua visibilidade e promover sua carreira?

Pontos de ajuste:

- Uso de profissionais de marketing ou gestão independente.
- Você adapta as estratégias de marketing conforme eventos específicos (campeonatos, patrocínios, crises).
- Você acredita que a comunicação digital se tornou uma ferramenta essencial para você como atleta?

4. Engajamento e oportunidades de carreira:

Questão principal:

Como o engajamento nas redes sociais tem impactado as oportunidades profissionais e a sua carreira como atleta?

Pontos de ajuste:

- Você percebe que o engajamento nas redes sociais trouxe novas oportunidades profissionais, como convites para eventos ou patrocínios?
- Os patrocinadores e marcas que você representa limitam o tipo de publicações que você realiza em suas redes sociais? Como isto te afeta?

5. Visibilidade das mulheres no esporte:

Questão principal:

Qual o impacto da visibilidade das mulheres nas redes sociais para a promoção do esporte feminino, desconstrução de estereótipos e percepção por instituições e patrocinadores?

Pontos de ajuste:

- Você percebe diferença na representatividade, oportunidades e apoio de atletas homens e mulheres de Handebol nas mídias e suas carreiras?
- Você enfrentou algum desafio específico por ser mulher ao longo da sua carreira esportiva? Como superou esses obstáculos?
- Que tipo de apoio ou políticas públicas você acredita que ainda são necessárias para fortalecer a presença e a visibilidade das mulheres no esporte brasileiro?
- Você recebeu algum incentivo governamental quando jogava?

6. Trajetória esportiva:

Questão principal:

Quais foram os momentos decisivos e os principais desafios que moldaram sua carreira no handebol até alcançar o nível da seleção brasileira?

Pontos de ajuste:

- Existe algum mentor ou figura inspiradora que teve um papel importante na sua jornada esportiva?
- Como a sua participação em competições internacionais, como campeonatos mundiais e Olimpíadas, influenciou o rumo da sua carreira?
- Com o início da sua carreira internacional, você percebeu uma mudança de engajamento em suas redes sociais?

7. Carreira esportiva:

Questão principal:

Como você avalia a evolução da sua carreira no handebol, e quais foram os maiores desafios e conquistas ao longo dessa trajetória?

Pontos de ajuste:

- Você acredita que a sua trajetória no handebol inspira e abre caminhos para outras mulheres a seguirem uma carreira no esporte?
- A carreira de uma atleta de alto rendimento exige muitos sacrifícios. Quais foram os maiores desafios que você enfrentou para equilibrar sua vida pessoal e profissional?
- Que habilidades ou qualidades você considera fundamentais para se manter no topo como atleta de elite por tanto tempo?
- Quais foram os principais momentos de frustrações que você já passou ao longo de sua carreira? (lesões, derrotas, falta de convocações, invisibilidade, etc)
- Você já pensou em seguir outra carreira (esportiva ou não), ou sempre foi determinada a seguir o handebol?